



Thiago Luiz da Silva Braga

**A espiritualidade cristã como caminho
para uma vivência dialogal e prática**

**Contribuições de Castillo
e Papa Francisco**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Teologia
pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia
do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi

Rio de Janeiro
Julho de 2021



Thiago Luiz da Silva Braga

**A espiritualidade cristã como caminho
para uma vivência dialogal e prática**

**Contribuições de Castillo
e Papa Francisco**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Teologia
pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia,
do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Prof.^a Francilaide de Queiroz Ronsi
(orientadora – PUC-Rio)

Prof. Abimar Oliveira de Moraes
(PUC-Rio)

Prof. Douglas Alves Fontes
(Instituto Filosófico e Teológico do Seminário São José de Niterói)

Rio de Janeiro, 29 de julho de 2021

Ficha Catalográfica

Braga, Thiago Luiz da Silva

A espiritualidade cristã como caminho para uma convivência dialogal e prática. Contribuições de Castillo e Papa Francisco / Thiago Luiz da Silva Braga ; orientadora: Francilaide de Queiroz Ronsi. – 2021.

80 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Espiritualidade cristã. 3. Religião. 4. Práxis religiosa. 5. Diálogo inter-religioso. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para minha amada esposa Angélica
e meu futuro pequeno profeta Daniel,
bênçãos de Deus em minha vida.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

À minha orientadora Profa. Dra. Francilaide Queiroz Ronsi, por toda dedicação, apoio, estímulo e tempo dispensados sem hesitação para que o trabalho fosse concluído.

À PUC-Rio na pessoa de todo seu corpo docente, bem como todos os funcionários em especial do Departamento de Teologia.

Aos professores Abimar Oliveira de Moraes e Douglas Alves Fontes pelas preciosas contribuições na banca examinadora.

Aos meus colegas mestrands, em especial, ao grupo de orientandos da Profa. Dra. Francilaide, por cada apontamento pertinente em todas as nossas rodadas de orientação acadêmica.

À minha família, em especial, minha mãe Odair e a todos os amigos que direta ou indiretamente puderam contribuir para a conclusão de mais essa etapa acadêmica.

À minha Igreja Batista Atitude por todo apoio, em especial, à equipe do Seminário Kerigma, bem como a Aaron Pierce pelo auxílio com a língua inglesa e ao meu estimado Pr. Josué Valandro Jr.

Ao pastor Josué de Asevedo Soares por todo auxílio e incentivo imprescindíveis ao início de nossa caminhada acadêmica na PUC-Rio.

E, obviamente, a Deus, que me amou primeiro, razão de todo e qualquer objeto de preparo, por ter me proporcionado saúde e graça para que toda a pesquisa fosse concluída. A Ele toda glória, sempre!

Resumo

BRAGA, Thiago Luiz da Silva; RONSI, Francilaide Queiroz. **A espiritualidade cristã como caminho para uma vivência dialogal e prática. Contribuições de Castillo e Papa Francisco.** Rio de Janeiro, 2021. 80p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A espiritualidade cristã envolve uma dimensão de perspectiva experiencial pessoal e comunitária com Cristo. Nessa dissertação propomos que ela deve ser vista como caminho para uma vivência dialogal e prática, o que representa entender tal espiritualidade como necessariamente aberta ao diálogo inter-religioso, como reflexo de um Deus que se fez de todos e para todos. Para tal, partimos primeiramente de algumas conceituações, definições e correlações entre a espiritualidade cristã e a religiosidade; abordando também a percepção bíblica imprescindível para descrever esse “cristão”, como traço dessa espiritualidade que não se porta indiferente principalmente aos mais necessitados, sendo a verdadeira religião declarada por Tiago (1,27). A base de nossa pesquisa bibliográfica será o traço do Deus humanizado de Castillo e sua chamada espiritualidade para insatisfeitos, como também na marca do pontificado do Papa Francisco até aqui, através tanto de seus discursos, homilias e documentos oficiais que abordam e anunciam essa espiritualidade do cuidado, do acolhimento e da busca pelos mais frágeis e desprezados. Nesse caminho, fomos inclusive atingidos pela crise mundial da Covid 19 e confrontados a provar como, em meio à tamanha catástrofe, nos foi ofertada a possibilidade de reflexão e pertinência, de uma espiritualidade cristã que dialogue respondendo perguntas atuais; sendo curadora, acolhedora, eficaz e inspiradora ao outro, transformando-o em próximo, sem a necessidade de perda ou anulação de sua identidade.

Palavras-chave

Espiritualidade cristã; religião; práxis religiosa; diálogo inter-religioso.

Abstract

BRAGA, Thiago Luiz da Silva; RONSI, Francilaide Queiroz. **Christian spirituality as a path to dialogal and practical living. Contributions by Castillo and Pope Francis.** Rio de Janeiro, 2021. 80p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Christian spirituality involves a dimension of personal and communitarian experience with Christ. In this dissertation, we propose that this spirituality should be seen as a path to a dialogical and practical experience, which necessarily means understanding it as open to inter-religious dialogue as a reflection of a God who made Himself one of us all for all of us. To achieve this, we first adopt some conceptualizations, definitions and correlations between Christian spirituality and religiosity; also addressing the essential biblical insight to describe this “Christian” as a characteristic of this spirituality that isn’t indifferent, especially towards the most needy, consistent with the true religion declared by James 1:27. The foundation of our research will be the humanized God as presented by Castillo and his so-called spirituality for the dissatisfied, as well as the impact to-date of Pope Francis’s pontificate through his speeches, homilies and official documents that address and announce this spirituality of care, acceptance and the search for the most fragile and despised. Along the way, we were impacted by the global Covid-19 crisis and were faced with proving how, in the midst of such a catastrophe, we were offered the possibility of reflection and relevance, of a Christian spirituality that dialogues by answering current questions; being curative, welcoming, effective and inspiring to others, transforming them into neighbors, without the need to lose or annul their identity.

Keywords

Christian spirituality; religion; religious praxis; interfaith dialogue.

Sumário

1. Introdução	10
2. A Experiência religiosa cristã: ênfase no diálogo e na prática	15
2.1. Cristão, o discípulo de Jesus	15
2.2. A espiritualidade cristã como prática de olhar para os marginalizados	18
2.3. Uma espiritualidade cristã anuncia um Deus que deseja dialogar com todos	22
3. Uma relação entre religião e espiritualidade	26
3.1. Castillo: Uma espiritualidade para insatisfeitos	27
3.2. Proximidades e distanciamentos conceituais entre espiritualidade e religião	32
3.3. Mais espiritualidade e menos religião	37
4. A hospitalidade como espiritualidade: a abordagem ousada do Papa Francisco	43
4.1. A acolhida concreta aos refugiados	43
4.2. O Evangelho enquanto <i>missio</i> deverá se preocupar com a missão de todo tipo de refugiados em movimento forçado	45
4.3. A indiferença: sentimento inaceitável à causa da hospitalidade aos necessitados	47
4.4. As atitudes acolhedoras de uma espiritualidade do cuidado: Acolhimento, proteção, promoção e integração	49
5. Espiritualidade na Pandemia	54
5.1. Espiritualidade na Pandemia – fome e sede de justiça integral	58
5.2. A espiritualidade cristã como caminho coerente, principalmente em tempos de desespero	63
6. Conclusão	71
7. Referências Bibliográficas	75

“Se alguém pensa ser religioso, mas não refreia sua língua, antes engana a si mesmo, saiba que sua religião é vã. Com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo”.
(Epístola de São Tiago 1,26-27)

1. Introdução

Evangelho, entre tantas definições, tem a premissa básica de transmissão, logo comunicação, diálogo; uma vez entendido como a boa notícia de Deus. E todo diálogo para ser bem-sucedido requer empatia, simplicidade na comunicação e que o código da mensagem seja conhecido pelos interlocutores. Originalmente o que nos impulsionou nessa pesquisa foi diagnosticar, na prática, certa dificuldade para que esta boa notícia possa ser, não apenas transmitida, mas vivida e sentida, uma vez que aquilo que devia ser anúncio passou a ser litígio, disputa e discussão. O Evangelho que era de Deus para todos, passou a ser fracionado, só de alguns.

O que realmente nos motivou a pesquisar? A tentativa de encontrar um caminho para o retorno a um movimento que estamos chamando de dialogal e prático sob o título da espiritualidade cristã. Essa prática do cuidado e por isso do diálogo, expressa no texto do Apóstolo São Tiago como a verdadeira virtude de se cuidar dos órfãos e das viúvas (Tg 1,27). Essa ação necessária de olhar mais claramente o outro, admitindo-o como próximo, não forçando a se parecer comigo, mas entendendo suas diferenças, pois o Evangelho é da unidade, mas nunca da uniformidade.

Fazer-se próximo é levar a novidade de Deus à vida do irmão, é o antídoto contra a tentação das receitas prontas. Interroguemo-nos se somos cristãos capazes de nos tornar próximo, capazes de sair dos nossos círculos para abraçar aqueles que “não são dos nossos” e a quem Deus ansiosamente procura. Sempre existe aquela tentação que reaparece tantas vezes na Escritura: lavar as mãos e desinteressar-se. É o que faz a multidão no Evangelho de hoje [...] Reconhecemos que o Senhor sujou as mãos por cada um de nós e, fixando a Cruz, recomeçamos de lá, da lembrança de Deus que Se fez meu próximo no pecado e na morte. Fez-Se meu próximo: tudo começa de lá. E, quando por amor d’Ele também nós nos fazemos próximo, tornamo-nos *portadores de vida nova*: não mestres de todos, não especialistas do sagrado, mas testemunhas do amor que salva¹.

E todo testemunho é comunicação, verbal ou não, transmissão e assim, diálogo. Resultado daquele que, no início, compreendeu o que experimentou do mistério de Deus, mas não o limitou ou restringiu, e por isso, dialogou. É assim que

¹ FRANCISCO, Papa. Missa na conclusão da XV Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos. Homilia do Papa Francisco. Vaticano. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papafrancesco_20181028_omelia-chiusura-sinodo.html. Acesso em 02 jun. 2021.

a fé cristã passa a ser desafiada a abrir-se para o reconhecimento das outras religiões em sua identidade e para o diálogo inter-religioso. Sendo estabelecida na verdade uma oportunidade para uma comunicação recíproca em atitude de respeito e amizade².

Num primeiro momento daremos ênfase ao cuidado como manifestação do amor genuinamente cristão. Justamente essa necessidade de cuidado com o outro é que reflete o perfil objetivo daquele que se dispõe a ser partícipe da espiritualidade cristã segundo a Bíblia, o chamado cristão – o discípulo de Jesus.

Questionando sobre qual viria a ser a marca da espiritualidade cristã, vê-se que a resposta não pode ser outra, senão aquela descrita nas Sagradas Escrituras. Nessa religião de virtude, uma reflexão importante ofertará São Tiago em sua carta (Tg 1,27), pois visitar órfãos e viúvas em suas tribulações e se manter sem manchas no mundo, certamente são atitudes que requerem ações além da contemplação ou da meditação, traduzindo um cuidado resolutivo, olhando para o homem enquanto ser integral, com necessidades integrais, quer sejam morais, sociais e teológicas; num olhar além do terreno, mas marcadamente com compromisso social, conforme bem elucida Mazzarolo:

Essa espiritualidade cristã prática deseja o diálogo dentro de toda sua perspectiva moral, social e teológica. Como alguém que apresenta uma preocupação com o ensino, Tiago longe de fundamentar as vantagens terrenas, busca na verdade solidificar uma forma de praticar a vontade divina (Tg 1,20; 2,5; 4,5ss.). Os bens, do além estão acima dos bens do aquém (Tg 1,2-4; 2,13-26; 5,7-20). Na ótica social sua principal exortação será sobre a dignidade dos pobres (2,14-26; cf. Mt 5,3; Lc 21,1-4). Por outro lado, faz uma advertência aos ricos para que tenham cuidado com a finitude da vida, caducidade dos seus bens e da responsabilidade do seu trato com os pobres (Tg 2,5-9; 5,4-6). A fé e as obras são um dos grandes eixos da teologia de Tiago, certamente corrigindo muitas falsas interpretações da teologia de Paulo sobre a justificação pela fé. Apoiados inclusive, falsamente na pregação paulina, muitos cristãos não se davam ao engajamento e ao compromisso social da justiça, ocasionando um divórcio entre ricos e pobres, sãos e doentes. Dentro destes ensinamentos transparece também a eclesiologia de Tiago, que é a eclesiologia da comunidade capaz de superar, pela sabedoria, todas as pobreza humanas, os reducionismos, o egoísmo³.

² RONSI, F. Q.; BINGEMER, M. C. L. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 15.

³ MAZZAROLO, I. A Bíblia em suas mãos, p. 217-218.

Nosso terceiro capítulo terá a apresentação principal da contribuição de Castillo⁴ no que tange, principalmente, ao recorte temático teológico de sua obra “Espiritualidade para insatisfeitos”. Na relação entre religião e espiritualidade teremos na verdade o fio condutor de toda nossa perspectiva de pesquisa. Tentar assimilar como a sociedade se relaciona com a “espiritualidade”, nessa tênue linha entre ausência e presença, necessidade e independência do homem para com o divino; no sentido de observarmos como existe uma gama de variações que tende a repudiar toda e qualquer forma de experiência com o sagrado, que não seja aquela já plenamente determinada como padronizada, como se existisse um *status quo* da espiritualidade, onde tudo que fugisse a tal paradigma devesse sequer ser visto ou considerado ou, quando muito, ignorado enquanto legítimo.

Admitir então que a ausência de Deus na sociedade é um fato não nos parece tão profundo ou impactante assim ou pelo menos não tanto quanto admitir que tamanha realidade só ocorra porque nós tiramos Deus de nossos planos. Sem metáforas poderíamos afirmar que a própria pergunta ou o interesse por Deus estão mortos. A ausência de Deus é, pois, uma opção nossa e não um dado prévio diante de nossa existência. E nos parece claro que mais do que a inexistência, nossa sociedade vive num verdadeiro “exílio de Deus”⁵.

Entre proximidades e distanciamentos conceituais perceberemos, como bem observado por Castillo, cada vez mais a necessidade de uma experiência que responda aos anseios de uma sociedade cotidianamente mais insatisfeita. Importante, porém, a ressalva de que o universo pesquisado nesse autor se restringiu à sua obra já citada (Espiritualidade para insatisfeitos) além de frisar que tal perspectiva de insatisfação não pode jamais ser conduzida ao extremismo do desprezo à Instituição Igreja. O que se tem de incômodo versa em certa parte pelo grau de religiosidade que demanda uma liturgia por vezes burocrática em seu rigor e que se torna mais carente dessa espiritualidade, que seja não apenas satisfação ao outro, mas que também se importe em produzir alívio e felicidade, rompendo com paradigmas determinantes sobre quem deveria estar apto ou não a poder usufruir destas experiências.

⁴ José M. Castillo nasceu em Puebla de Don Frade na Espanha em 1929. Doutor em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Foi professor na Faculdade de Teologia de Granada (Espanha), na Universidade Centroamericana José Simeón Cañas de El Salvador, e convidado da Universidade Gregoriana da Roma e da Pontifícia Comillas de Madrid. Fundador e membro da Associação de Teólogos e Teólogas João XXIII. Tem numerosas publicações na área de Cristologia, Eclesiologia e Espiritualidade.

⁵ FAUS, J. I. G. Después de Dios, p. 13.

No aprofundamento e desenvolvimento dessa análise sobre a espiritualidade cristã chegaremos, então, à necessidade de maior abertura a uma *práxis* cristã e menos aos conceitos, muitas vezes, rebuscados e nada práticos de todo *status quo* religioso. Nessa caminhada, teremos como ápice o encontro com o Papa Francisco e toda sua bela e ousada abordagem sobre a hospitalidade com espiritualidade – sua acolhida aos refugiados de ontem e os de agora, essa espiritualidade do cuidado genuíno e, por isso mesmo, uma experiência evangélica dialogal e prática será a temática de nosso terceiro capítulo.

Quando a pessoa é levada a ver no outro um irmão, isso independe inicialmente no que ele crê, e de quais são seus conjuntos de valores. Deve-se amá-lo, apoiá-lo e cuidar para que quanto mais necessitado seja esse “irmão”, que ele se sinta alcançado pela divina misericórdia – esta que justamente torna a todos igualmente humanos e limitados.

O problema do diálogo entre as religiões é tão antigo quanto à humanidade, já que, de um modo ou outro, as diversas tradições religiosas sempre estiveram em mútuo contato e sempre se influenciaram reciprocamente. A própria Bíblia, quanto mais conhecemos sua gênese e suas complexas evoluções na história, aparece como modelo deste diálogo interno: religiões muito mais antigas, como as mesopotâmicas e egípcias, acompanharam sua formação, influenciando profundamente, tanto os livros assim chamados históricos quanto os proféticos, os salmos e os sapienciais. Mas, indubitavelmente, o fenômeno adquire hoje uma intensidade excepcional, não só pela exponencial intensificação dos contatos, mas também porque a necessidade de um diálogo aberto e reflexivo entre as diversas religiões se impõe com evidência no pensamento religioso atual. [...]

E isto implica a necessidade de uma profunda transformação não só nos novos conceitos, mas também nas condutas e nos sentimentos. Um novo modo de aproximar-se do outro, no qual é oportuno ver não mais um concorrente, mas um companheiro de pesquisa, já que, diante do Mistério comum, acaba sendo privo de sentimento insistir no “teu” e no “meu”, já que, sendo idêntica a investigação e comum o Mistério, o meu é também teu, como o teu é igualmente meu e de todos⁶.

A percepção de igualdade prepara o ambiente para o diálogo, uma vez que o ser humano sempre preferiu se sentir acolhido em ambientes de conforto e controle, ainda que aparentes. Então, quando somos conduzidos a perceber o outro como próximo passamos a valorizar o que ele tem a oferecer enquanto troca de crescimento para a vida. A verdade é que o inverso também pode e deve ser

⁶QUEIRUGA, A. T. O diálogo inter-religioso. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526195-o-dialogo-inter-religioso>. Acesso em 12 dez. 2020.

percebido – ao valorizar o outro pelo que ele é, podemos nos disponibilizar ao diálogo, não existindo aqui uma lei formal que defina qual ordem padrão a seguir.

A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia – o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres⁷.

O ambiente pandêmico catastrófico que tem acometido a sociedade mundial como um todo será abordado no quinto capítulo. Num olhar além da perspectiva pessoal observa-se também toda dificuldade da pesquisa sobre a chamada espiritualidade cristã. E assim, não apenas a simples descrição de como foi fazer pesquisa em meio a esse turbilhão jamais visto em muitas gerações, mas sim, diagnosticando de certa forma, como esse enfrentamento produziu basicamente duas principais análises sobre a espiritualidade: uma busca por novas e necessárias experiências com o sagrado, seja por motivações escatológicas que se tornaram latentes no ambiente da Covid-19; seja pela necessidade de consolo, compreensão, salvação no sentido mais amplo do termo.

Observa-se, por fim, o surgir de um olhar reconfigurado e de certa releitura daquilo que muitos já haviam definido como espiritualidade cristã. Ou seja, novos caminhos da espiritualidade que surgiram em meio à pandemia, uma vez que essa levou aquela a se preocupar em responder novas e atuais perguntas e à busca de novos grupos que passaram a se preocupar com espiritualidade porque suas realidades foram abruptamente afetadas.

⁷ FRANCISCO, Papa. Declaração conjunta do Papa Francisco e o grande Imam de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyib Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/586536-abu-dhabi-declaracao-conjunta-do-papa-francisco-e-o-grande-imam-de-al-azhar>. Acesso em 12 jan. 2021.

2.

A Experiência religiosa cristã: ênfase no diálogo e na prática

O caminhar da espiritualidade cristã é pautado na experiência que busca dialogar, partindo do Deus cognoscível e imanente, visto, vivido e sentido no Jesus relatado nas Sagradas Escrituras. E foi justamente essa experiência da encarnação que proporcionou aos homens a possibilidade desse encontro e assim dessa práxis espiritual, uma vez que se tornou evidente que a prática requer diálogo inicial, e a intencionalidade do cuidado.

Neste capítulo será observado quem seria na prática esse discípulo de Jesus. Quem seria então aquele que de forma prática evidencia com sua vida a essência cristã da espiritualidade? Para tal urge apresentarmos o que a espiritualidade apresentada pelos Evangelhos nos oferta, mas principalmente o que uma teologia prática como a de Tiago nos disponibiliza de informações sobre tal temática. Estamos diante de uma fé que se exterioriza no amor, que não pode tolerar discriminações. Que tampouco poderia existir sem ações e sem compromisso real⁸.

2.1.

Cristão, o discípulo de Jesus

Quem seria então esse genuíno discípulo de Jesus, chamado de cristão? A resposta para esta pergunta certamente advém de uma experiência religiosa prática e assim dialogal. Embora muitas possam ser as definições para o ser “cristão”, sua origem remete aos Atos (11,26) como aqueles que passaram a professar publicamente sua fé prática no Cristo ressurreto. Interessante esse destaque porque por mais que se tratasse de um ato carregado de um simbolismo de fé, foi na prática da igreja que essas ações perceberam sentido no que seria ter o adjetivo de cristão.

A bela carta de Tiago nos oferecerá essa espiritualidade prática em sua abordagem peculiar sobre a relação de fé e obras, e ainda sobre a atuação daqueles

⁸ VOUGA, F. A carta de Tiago, p. 78.

que se dizem cristãos. Ele claramente afirmará que “a religião pura e irrepreensível aos olhos de Deus Pai consiste em cuidar de órfãos e viúvas em suas necessidades e não se deixar contaminar pelo mundo” (Tg 1,27). Nitidamente temos aqui a manifestação daquilo que vemos compartilhando em nosso trabalho como a espiritualidade do cuidado. Não é apenas o afastar-se da contaminação (espiritual) mundana, mas agir na vida real de pessoas reais no que tange às suas necessidades verdadeiras.

Provavelmente, o resumo de Tiago quanto à pura religião – visitar órfãos e viúvas em sua aflição e guardar-se da corrupção do mundo (1,27) – consista em evitar um espírito de avareza e ganância, e em contrapartida suprir substancialmente as necessidades materiais de viúvas e órfãos desamparados. A igreja primitiva de Jerusalém já havia agido desse modo (At 2,45 e 6,1)⁹.

Evitar o espírito da avareza, da injustiça e da corrupção, contrários a toda e qualquer perspectiva cristã, não depende tão somente de um sentimento ou de uma arte contemplativa. Nessa caminhada da espiritualidade cristã, o diálogo que o mundo necessita, embora talvez nem espere, é o do cristão que acolhe os desamparados, criando pontes em vez de muros, dialogando em vez de julgar, amando ao invés de odiar. A responsabilidade dos cristãos, de fato, não está apenas na comunidade eclesial; ela constitui antes de tudo uma dissidência no mundo¹⁰.

Qual seria então essa espiritualidade prática do cristão que deve enxergar como verdadeira virtude a práxis do cuidado com os que mais necessitam? Lembrar-se da fala de Jesus do cuidado aos “doentes” (Mc 2,17) deve servir de sintonia para a percepção de que não se trata de parcialidade, mas prioridade na equivalência da carência de cada ser. Ora, para Tiago como para todo o Novo Testamento, a religião é uma confissão protestária e o fundamento de uma resistência, na medida em que recusa sacralizar as escalas de valor ou a ordem social¹¹.

Isso significa dizer que a fé cristã não é somente fé em Deus e adesão incondicional a Deus. Nem somente fé em Cristo e adesão incondicional a Cristo. Além disso e inseparavelmente disso,

⁹ LADD, G. E. Teologia do Novo Testamento, p. 787.

¹⁰ VOUGA, F. A carta de Tiago, p. 23.

¹¹ VOUGA, F. A carta de Tiago, p. 76.

a fé cristã é, com o mesmo direito e a mesma exigência, fé no humano e adesão incondicional ao humano. Portanto, do mesmo modo, e com a mesma importância com que se afirma não ser possível ter fé se não se vive na correspondente ortodoxia doutrinal e na consequente coerência ética, segundo os mandamentos de Deus e os preceitos da Santa Igreja, também, com o mesmo direito, é preciso dizer que não é possível a fé onde não se produza a profunda humanização das pessoas. Isto é, uma fé que, por motivos divinos ou religiosos, desumaniza as pessoas religiosas é uma fé tão adulterada como a fé dos piores hereges que existiram neste mundo. Por conseguinte, uma fé que nos torna insensíveis a tudo o que é humano, àquilo que nos torna felizes ou infelizes enquanto seres humanos, é uma fé tão rota como a fé de quem nega a divindade de Cristo ou da Santíssima Trindade. Por conseguinte, quando nos ambientes religiosos ou eclesiais se antepõem os direitos, os preceitos ou os interesses da religião ou da Igreja à liberdade, ao amor, à amizade, à felicidade humana, aí encontramos o sinal mais claro de que a fé cristã se corrompeu a ponto de impor o fundamentalismo religioso em lugar da fidelidade ao Deus humanizado que a nós se revelou em Jesus de Nazaré. Por tudo isso é preciso dizer, sem titubear, que o objetivo procurado e perseguido pela espiritualidade cristã não é somente *divinizar* as pessoas, mas, juntamente com isso e antes disso, a espiritualidade cristã tem como missão e tarefa *humanizar* o povo, os indivíduos, os grupos humanos, as instituições¹².

Essa humanização do ser está na práxis da espiritualidade cristã, na essência daquele que se dispõe a ser discípulo de Jesus, não sendo, portanto, tão somente ouvinte, mas praticante, não de um ativismo eclesial de preenchimento de agenda com eventos necessariamente templários, mas dialogando com o outro e vivenciando assim essa experiência. Como obras que não têm relação de auto justificação ou meritocracia para salvação.

E sim como nos ensinará Tiago numa perspectiva de obras que sejam atos baseados no amor cristão – atos que cumprem a “Lei real” do amor ao próximo. Pois uma palavra complacente a irmãos cristãos que estejam passando por necessidades extremas não é amor; tão somente uma provisão amorosa de suas necessidades realmente expressa o amor¹³.

É justamente essa riqueza adicional a respeito da vida cristã prática que existe em Tiago e que raramente atrai atenção dos teólogos¹⁴. Grandeza essa que faz parecer também que quando lermos com verdade e seriedade sua carta, teremos a sensação de que não somos bastante sérios. Pois, na maioria de nós, existe uma brecha inquietante entre o que se crê e o que se pratica¹⁵.

¹² CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 109-110.

¹³ LADD, G. E. Teologia do Novo Testamento, p. 786-787.

¹⁴ LADD, G. E. Teologia do Novo Testamento, p. 787.

¹⁵ ALEGRE, X.; TUÑÍ, J. Escritos joaninos e cartas católicas, p. 264

Ser o cristão, então discípulo de Jesus Cristo, é verdadeiramente saber responder a si próprio a milenar pergunta de Jesus sobre quem é o nosso próximo. Não se trata, pois, de uma convocação a um retraimento sectário ou a um moralismo individualista. Todavia, assim como o texto de Tiago nos ensina, perceber o desafio da vocação dos fiéis é testificar sua fé e sua esperança subtraindo-se ao conformismo social e à influência dos poderes deste mundo¹⁶.

2.2.

A espiritualidade cristã como prática de olhar para os marginalizados

Uma passagem marcante logo no início dos Atos lucanos nos apresenta um moribundo que dependia de terceiros para estar na porta formosa recebendo esmolas. No conhecido milagre narrado no capítulo três de Atos o que nos chama atenção em todo cenário deveria servir de exemplo para muitas reflexões importantes sobre a praticidade da espiritualidade cristã. Atentemos para os personagens cuidadosamente elencados: o parálítico de nascimento, os que diariamente o transportavam e o colocavam na porta do templo chamada Formosa (para que ele pedisse esmola), os que entravam no templo (que não necessariamente eram os mesmos que o carregavam) e os apóstolos Pedro e João.

Ao ver Pedro e João entrando no templo, pediu-lhes esmola. Pedro, acompanhado de João, *olhou* fixamente e lhe disse: *Olha* para nós! Ele os observava, esperando receber deles alguma coisa. Pedro, porém, lhe disse: prata e ouro não tenho, mas o que eu tenho te dou: em nome de Jesus Cristo o Nazareno, põe-te a andar. (At 3,3-6)

O fato de Pedro notar esse mendigo coxo é evidência do ministério do Espírito. Nessa impactante cena onde os dois Apóstolos não aparentam ter esmola para dar, eles conseguem enxergar aquele que precisava de salvação para a alma e cura para o corpo¹⁷. Vê-se com clareza a importância dessa espiritualidade que enxerga, de olhos bem vivos e abertos principalmente para aqueles que agonizam, muitas das vezes diante de um sistema estritamente religioso, mas não cristão. São

¹⁶ VOUGA, F. A carta de Tiago, p 76.

¹⁷ WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 532-533.

burocratas templários que vêm e vão sem abrir os olhos para seus semelhantes, que assim então de uma hora para outra são renegados à condição de invisíveis.

Outras vezes, ações ativistas que conduzem até mesmo a carregar alguns para locais onde eles possam melhor ser atendidos, ou até mesmo acha-se que já foi feito mais do que se necessitava realizar. Não falta vontade a esses, mas falta também um olhar aberto para a causa da vida, do sentido da encarnação do verbo, do amor que transcende na cruz.

Por fim, aproximamo-nos da cena em que tudo parece fazer sentido no sacrifício vicário, porque discípulos do Cristo ressurreto decidem abrir os ouvidos, o coração e enxergar o outro como próximo. O evangelista Lucas faz questão de relatar que Pedro olhou intensamente (o fitou com os olhos) e disse para que ele também os enxergasse. É obviamente algo muito além de uma simples empatia, mas essa sensibilidade espiritual é o que estamos destacando como caminho necessário dessa espiritualidade dialogal e prática.

Assim, como o paralítico não conseguia nem mesmo entender qual era sua real necessidade (a cura e não as esmolas), seja porque ele não cria nessa opção, seja porque as esmolas eram muito mais fáceis de serem recebidas; nós como cristãos, principalmente no que tange à prática de nossa mensagem, não podemos deixar de estar atentos à perda da conectividade ao momento vivido e à realidade social de maneira relevantes¹⁸.

Uma espiritualidade que se coloca como cristã precisa perceber se não caminha numa desconectividade e irrelevâncias ético-sociais, além da falta de envolvimento e/ou desinteresse das comunidades de fé nas questões de grande impacto no cenário mundial da atualidade, como o diálogo ecumênico ou inter-religioso e a preocupação com o meio ambiente por exemplo. Levanta-se então a questão: que relevância teria essa espiritualidade que insiste em viver de braços dados com as injustiças e mazelas deste mundo¹⁹?

Constata-se claramente a necessidade de um olhar realmente mais humano e inteiro para as pessoas que se encontram à margem. São agentes que carregam consigo históricos profundos de abandono e esquecimento, tendo ainda que sobreviver ao preconceito que surge por todos os lados. O que se propõem, então, não é nada de inovador no sentido da descoberta, mas eficaz no sentido da não

¹⁸ RUBIO, G. O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 3 e 4.

¹⁹ MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 144.

realização plena e contínua até os nossos dias. Assim como Pagola apresenta um Jesus histórico que é preocupado e comprometido com a sua realidade terrena, com as mazelas do povo no qual foi inserido e que, aliás, nunca deixa de se identificar como parte dele²⁰, é necessário que cada um também se entenda responsável pelo próximo. Os que não interessam a ninguém, interessam a Deus. Só se pode acolher a Deus construindo um mundo que tenha como meta primeira a dignidade dos últimos²¹.

Esse olhar para os marginalizados remete à proposta de uma espiritualidade de olhos abertos, assim como Johann Baptist Metz propôs uma chamada teologia política que não fugisse das crises de seu tempo e que, pelo contrário, sentisse como se preservando nelas e levada ao despertar de uma abertura ao diálogo, como visto ao longo de sua vasta obra e em específico em seu livro *Mística de olhos abertos*²². Metz foi um dos teólogos católicos alemães mais influentes do pós-Vaticano II. Ele foi ex-aluno do teólogo jesuíta Karl Rahner, rompeu com a teologia transcendental do mestre para assumir uma teologia mais arraigada na práxis²³.

Uma espiritualidade de olhos abertos precisa estar atenta ao sofrimento. Afinal de contas, como podemos simplesmente virar as costas para todo esse sofrimento que jaz no mundo e nos preocuparmos apenas com a nossa salvação e nossa redenção?²⁴ Será que os cristãos não se afastaram depressa e cedo demais da questão bíblica da justiça? Será que o cristianismo – ao longo do tempo – não se considerou exclusivamente demais uma religião sensível ao pecado e muito pouco sensível ao sofrimento?²⁵

Em todo caso a fé cristã é uma fé que busca a justiça. Certamente por isso os cristãos também são místicos, mas não exclusivamente místicos no sentido de uma experiência espiritual pessoal, porém no sentido de uma experiência espiritual de solidariedade. Eles são, sobretudo, místicos de olhos abertos²⁶.

²⁰ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 122.

²¹ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 229.

²² METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 13.

²³ KNA. O desaparecimento de Johann Baptist Metz. Disponível em <http://www.settimananews.it/profili/la-scomparsa-johann-baptist-metz/>. Acesso em 13 fev. 2021.

²⁴ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 16.

²⁵ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 20.

²⁶ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 21.

Abrir bem os olhos requer sabiamente compreender o homem em sua integralidade, como um ser político e social, que se preocupa com o mundo em que vive hoje e não imaginando uma eternidade como se fôssemos simplesmente seres em espera de algo, nunca presentes no tempo de agora e, de certa forma, mortos vivos dentro de um discurso cheio de vazios. Sobre isso, Metz nos alerta: uma mística da compaixão não pode ter como objetivo exclusivo uma experiência sem olhos, direcionada ao interior, mas aquela experiência da interrupção, introduzida pela situação “face a face”, na relação com o outro. Ela é, por isso, ao mesmo tempo, mística e política. Mística na medida em que pode ser o início de uma experiência de Deus, no mínimo uma espécie de “atmosfera de Deus”. Ela é e continua sendo ao mesmo tempo política, porque nessas “interrupções” interpessoais, os outros, feridos e vulneráveis, poderão ser percebidos (tornando-se visíveis) numa última invulnerabilidade, impressa por toda nossa ação política²⁷.

Jesus ensinou uma espiritualidade de olhos abertos, de percepção, em que se poderia enxergar mais (de forma oportuna e inoportuna) tornando visíveis os sofrendores invisíveis e encorajando a prática da compaixão como uma mística da justiça de Deus²⁸. Acredita-se que tal percepção necessite realmente de encorajamento para que se vença o comodismo de não enxergar o outro como irmão e que por vezes enclausura numa religiosidade egoísta, sem misericórdia e nada cristã.

Querer estar perto de Cristo exige fazer-se próximo dos irmãos, porque nada é mais agradável ao Pai do que um sinal concreto de misericórdia. Por sua própria natureza, a misericórdia torna-se visível e palpável numa ação concreta e dinâmica. Uma vez que se experimentou a misericórdia em toda a sua verdade, nunca mais se volta atrás: cresce continuamente e transforma a vida. É, na verdade, uma nova criação que faz um coração novo, capaz de amar plenamente, e purifica os olhos para reconhecerem as necessidades mais ocultas²⁹.

Em nosso próximo tópico daremos continuidade à temática dessa espiritualidade do cuidado, que além de ter necessariamente olhos que enxerguem prioritariamente os mais necessitados e renegados à margem, deverá aprender

²⁷ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 22.

²⁸ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 85.

²⁹ FRANCISCO, Papa. Carta apostólica *Misericordia et misera* do Santo Padre Francisco. No termo do jubileu extraordinário da misericórdia. Roma, 2016. Disponível em <http://www.im.va/content/gdm/pt/giubileo/letteraapostolica.html>. Acesso em 14 fev. 2021.

também a abrir os ouvidos e estender às mãos apontando para o caminho irremediável do diálogo para com todos.

2.3.

Uma espiritualidade cristã anuncia um Deus que deseja dialogar com todos

O Deus cristão é notavelmente um Deus além de toda rotulação. Mesmo que a maioria das sistemáticas enumerem os atributos comunicáveis e incomunicáveis de Deus, fica claro para nós que até mesmo esse conceito é complexo, uma vez que a noção de “atributo” possa subentender algo que esteja fora do ser, que se acrescenta, e Deus como bem se sabe e crê, não pode ser alguém que necessite de nada que seja acrescido, porque Ele é. Mas uma verdade fica manifesta também nos tratados teológicos: esse mesmo Deus transcendente se fez imanente, fez-se carne, disponibiliza-se de tal forma que se torna o Emanuel, o Deus que deseja se fazer presente a todos.

Todos os dias vejo de forma mais clara que a religião do futuro é a "religião laica". Essa não é a religião que nega a Deus. Isso é uma contradição grosseira. A "religião laica" é a religião que iguala a todos nós. E todos nós nos concentramos na firme convicção que se centra neste critério: uma conduta ética tão honesta e tão transparente que não tenha outra explicação a não ser a existência de um além e a experiência de um Pai que é a chave que explica o que nunca chegaremos a explicar³⁰.

Seria o Deus da espiritualidade chamada cristã Senhor de apenas de alguns? Ou será que os cristãos já estão plenamente convencidos de que o Deus anunciado pela igreja (de Cristo) é um Deus de todas as pessoas, e que, portanto, nosso Deus é, na verdade, um tema da humanidade inteira, e não só do cristianismo? ³¹ Será que podemos realmente defender essa convicção no mundo de hoje, respeitando os fundamentos da liberdade da religião na modernidade, conquistada com tanto esforço, e sua prática não violenta?

³⁰ CASTILLO, J. M. Ou é do povo, de todos igualmente, ou a Igreja não nos leva a Deus. Artigo disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590552-ou-e-do-povo-de-todos-igualmente-ou-a-igreja-nao-nos-leva-a-deus-artigo-de-jose-maria-castillo>. Acesso em 9 mai. 2021.

³¹ METZ, J. B. Mística de olhos abertos, p. 91.

Tratar sobre o diálogo e o anúncio de um Deus que deseja dialogar com todos sem ressalvas, pode levantar rumores que de um lado apresente certa desconfiança quanto a utopia dessa proposta, a entendendo como apenas uma fantasia de discurso ou ainda assimilar pejorativamente o ambiente ecumênico, como um campo de extremo respeito entre os envolvidos, mas totalmente nulo enquanto caminho eficaz para as grandes exigências da humanidade. Sem contar ainda que ao anunciarmos a mensagem desse Deus único para todas as pessoas, pode se existir o perigo de destruirmos, sem querer, a paz religiosa conquistada com muito esforço, empreendendo as novas lutas culturais e guerras religiosas, como já vimos ocorrer em abundância na história das religiões, como também em nossa própria história³².

Todavia, a atual diversidade religiosa e a autoafirmação das outras religiões como mediadoras da salvação constitui um fator de tensão que dificulta a aproximação e o diálogo. Logo, se percebe que do ponto de vista teológico, o desafio que se coloca é: como compreender e interpretar a vontade salvífica universal de Deus sem negar a mediação de Jesus Cristo?

A questão fundamental desta problemática teológica, que se encontra no centro das discussões a respeito das religiões, é a questão da unicidade de universalidade salvífica do evento Jesus Cristo. Muitos são os questionamentos já apresentados por muitos estudiosos desta temática. Por exemplo: Como se situa esta afirmação cristã frente à diversidade de religiões? Como se situa Jesus Cristo no plano salvífico de Deus e que consequências essa sua posição tem para a interpretação das outras religiões? É possível à reflexão teológica cristã resolver este conflito sem renunciar à identidade cristã?

Para essas e tantas outras questões a esse respeito se faz necessária uma reinterpretação do cristianismo e de suas afirmações fundamentais em confronto com as questões suscitadas pelo pluralismo religioso. O problema principal a ser resolvido pela teologia cristã das religiões é a questão da singularidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo em conexão com a vontade salvífica universal de Deus e sua correlação com a diversidade religiosa.

Para isso, acreditamos que a possibilidade para uma resposta que seja coerente com a fé cristã se encontre na reinterpretação das afirmações centrais da fé cristã de uma maneira que preserve sua identidade e possibilite uma apreciação positiva das outras religiões³³.

A verdade é que no caminho do ecumenismo e desse necessário diálogo inter-religioso, a reunificação é um objetivo absolutamente prioritário³⁴. Simplesmente não é pensável um cristianismo que se apresente fora desse diálogo inter-religioso e ecumênico. Qualquer *paroquialismo* religioso não responde à

³² METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 92.

³³ RONSI, F. Q.; BINGEMER, M. C. L. *A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar*, p. 28-29.

³⁴ DELUMEAU, J. *Le Christianisme va-t-il mourir?* p. 123.

nova consciência mundial de tolerância, de respeito ao pluralismo e ao movimento ético do consenso³⁵. Na verdade, o princípio dialogal funda o acordo entre sujeitos e guia a teoria ética³⁶. Traduzindo em termos teológicos e pastorais prospectivos esse anseio pelo “princípio dialogal”, chama-se ecumenismo e diálogo inter-religioso. E, embora haja proximidade real, existem muitas dificuldades jurídicas e teológico-acadêmicas³⁷ potencializadas na maioria das vezes pelo desinteresse egoísta e obscuro, de certa forma como um perigoso fundamentalismo.

Precisa-se compreender dentro do atual contexto as questões fundamentais sobre o significado da pluralidade religiosa no projeto salvífico de Deus e sua relação com o mistério de Jesus Cristo e com o cristianismo. O que se tem visto é que o pluralismo religioso implica para as religiões o reconhecimento da dignidade e do valor do diferente de si. Exige o respeito ao direito de ser diverso e assume a acolhida como valor fundamental. Supõe compreensão nova da capacidade humana de captar a verdade, sempre parcial, provisória e sujeita a enriquecimento, revisão e ampliação³⁸.

E uma das chaves para o entendimento desse caminho necessário de diálogo é compreender bem a ideia de coexistência, que por sua vez tem relação direta com a condição humana de *interdependência horizontal* (usada aqui no sentido de entender a necessidade que os “seres criados”, têm de precisar uns dos outros).

Coexistir, no contexto do gesto e para o tema que se pretende desenvolver, significa muito mais do que a simples definição do dicionário Houaiss: “existir simultaneamente”. Implica o reconhecimento da dignidade e do valor do diferente de si. Exige respeito ao direito de ser diverso e assume a tolerância como valor fundamental. Supõe compreensão nova da capacidade humana de captar a verdade, sempre parcial, provisória e sujeita a enriquecimento, revisão e ampliação. Sugere nova atitude diante da realidade: acolhimento e valorização da consciência da pluralidade, acompanhada de profunda atitude de diálogo real no qual todos aprendem³⁹.

³⁵ LIBANIO, J. B. Olhando para o futuro, p. 95

³⁶ RUSS, J. Pensamento ético contemporâneo, p. 91

³⁷ LIBANIO, J. B. Olhando para o futuro, p. 95.

³⁸ RONSI, F. Q.; BINGEMER, M. C. L. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 14.

³⁹ GUIMARÃES, E. N. M. B. Perspectivas cristãs para o diálogo inter-religioso atual. p. 81. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/480>. Acesso em 14 fev. 2021.

Essa percepção de coexistência na Casa Comum reflete a imagem do Deus encarnado cognoscível, tornando necessária a descoberta da Palavra de Deus como fonte de reconciliação e de paz, porque nela Deus reconcilia em Si todas as coisas:

Cristo é a nossa paz (Ef 2,14), Aquele que derruba os muros de divisão. Muitos testemunhos no Sínodo comprovaram os graves e sangrentos conflitos e as tensões presentes no nosso planeta. Às vezes tais hostilidades parecem assumir o aspecto de conflito inter-religioso. Precisamos reafirmar que a religião nunca pode justificar a intolerância ou as guerras. Não se pode usar a violência em nome de Deus! Toda a religião devia impelir para um uso correto da razão e promover valores éticos que edifiquem a convivência civil⁴⁰.

Reconciliação representa também conceito chave dentro da espiritualidade cristã: “Deus nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o mistério da reconciliação. Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens suas faltas pondo em nós a palavra da reconciliação” (2 Co 5,18-19).

O homem em relação a Deus é ofensor, devedor, culpado. Como por si mesmo não pode reconciliar-se, compete a Deus reconciliá-lo consigo; ele o faz por meio de Cristo. Só assim o homem perdoado volta a ser “inocente”. A reconciliação é radical, equivale a nova criação (cf. Sl 51,12); é oferecida e comunicada pela mensagem apostólica, ministério da reconciliação. O homem simplesmente “se deixa” reconciliar, responde à oferta, removendo obstáculos e aceitando⁴¹.

⁴⁰ BENTO XVI. Exortação apostólica PÓS-SINODAL *Verbum Domini* do Santo Padre Bento XVI ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Roma, 2010. Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html#_ftnref155. Acesso em 23/02/2021.

⁴¹ BÍBLIA DO PEREGRINO, p. 2777.

3. Uma relação entre religião e espiritualidade

Hoje se pode falar muito mais de espiritualidade, de mística, do que de religião, de pertença a uma instituição. Há uma sede na contemporaneidade por essas experiências. Mas não necessariamente uma sede por pertença a uma religião. Mas bem uma sede por experimentar a conexão com o Mistério sempre maior que ilumina, desafia, plenifica, dilata os espaços interiores e não pode ser produzido senão recebido em gratuidade e excesso de presença⁴². E, automaticamente, toda essa relação experiencial não pode ser associada à limitação de estruturas pré-fixadas como num ambiente onde esse Mistério tivesse endereço, horário e formas previamente definidas.

Deve-se entender primariamente algumas percepções de proximidades e distanciamentos conceituais entre espiritualidade e religião, mais precisamente ainda da chamada espiritualidade cristã e o que certas expressões continuam a projetar, intencionalmente ou não, naqueles que a vivenciam. Na prática, é fazer com que se perceba justamente se é possível existir diálogo entre espiritualidade e religião sem que seja acolhida necessariamente a opção pela exclusão de uma delas como sendo ilícita, muito embora sejam pela observância de nosso recorte de pesquisa enxergadas como diametralmente opostas, principalmente quando não mais se vê a igreja como representante dessa espiritualidade.

Uma vez que podem se confundir conceitos, nosso item seguinte será destinado a apresentar uma possibilidade de um caminho entre essa relação conceitual com nuances de semelhanças, mas também de diferenças entre a temática da religião e da espiritualidade.

Importante ressaltar que quando se abordam rupturas e continuidades ou se apresentam propostas que tangenciam a temática da espiritualidade cristã como experiencial, não se está propondo um abandono da chamada Igreja Institucional. O equilíbrio necessário para toda e qualquer manutenção do diálogo inter-religioso passa certamente pela perspectiva desse olhar que compreende a utilidade, importância e até mesmo necessidade da Instituição “Igreja”, sem a

⁴² BINGEMER, M. C. L. Mais espiritualidade e menos religião: característica da nossa época? p 89.

qual, inclusive, dificilmente se teria acesso ao Jesus das Escrituras, fonte essa de toda e qualquer espiritualidade que se auto declare cristã.

3.1

Castillo: ‘Uma espiritualidade para insatisfeitos’

Há de se fazer uma ressalva inicial sobre a escolha de Castillo enquanto contribuição para esta pesquisa. Tal processo se deu exclusivamente pelo seu olhar crítico detalhado na obra “Espiritualidade para insatisfeitos”. Assim, se está diante de uma genuína contribuição “provocativa” que instigou certamente todo o processo de pesquisa acadêmica sobre a temática proposta em questão.

Exatamente nessa chamada ‘espiritualidade para insatisfeitos’ duas observações pertinentes se fazem necessárias logo de imediato, após essa confirmação de insatisfação: a primeira delas é a utilização do artigo “uma”. Isso porque ele traduz de *per si* a compreensão da aceitação de uma variável (alguma) interminável de espiritualidades, um pouco mais delimitadas, é verdade, quando sufixamos o termo “cristã”, mas ainda assim, de forma alguma, poderíamos simplesmente determinar uma dicotomia entre a espiritualidade correta e incorreta ou entre a cristã e a não cristã pura e simplesmente, pois o “uma” aqui compreende, como já citamos, a proposta aberta e não delimitação cardinal de que não possa existir outra. Não estamos, com isso, afirmando ser impossível uma definição do termo, mas apenas seguindo a apresentação da definição que nos serve de base para este nosso trabalho, enfatizando que a conceituação passa inevitavelmente pela experiência.

A segunda pertinente observação será o uso do adjetivo “insatisfeito”. Isso porque toda e qualquer experiência precisa ser boa para quem a vive, para o “eu” que a vivencia e, em larga escala, a religião tende a ser entediante, incômoda, proibitiva e desagradável; focada tão somente numa divindade que exige demais para ser adorada e seguida, onde ela é o centro do culto e precisa se sentir bem e não o adorador. É a verdade de muita gente que anda farta de religião, de igreja, de padres e bispos; de sermões, mandamentos e proibições, com suas correspondentes ameaças de castigos neste mundo ou no outro. Contudo, são as mesmas pessoas que fazem a si mesmas perguntas para as quais não têm

respostas. Perguntas feitas não por mera curiosidade, mas porque não veem sentido nesta vida ou em muitas coisas que vemos e fazemos nesta vida⁴³.

A bem da verdade, nossos conceitos sobre o Deus transcendente não escapam das projeções e construções ideológicas que ofuscam a sua verdadeira face. Deus é facilmente considerado um ser a mais, um ser que se pode descrever e até manipular. No entanto, Ele é o totalmente outro que, em sua transcendência, é inacessível⁴⁴. Nessa falta de acesso reside, por vezes, o obscurantismo que gera insatisfação em meio a falsas preferências do lugar comum onde Deus poderia habitar, falar e ser sentido.

Assim como Castillo, compreendemos que um dos grandes problemas desse confronto entre espiritualidade e religiosidade é entender que aquela, enquanto percebida cristã, não tem seu centro na renúncia a tudo aquilo que é visto como bom e prazeroso que o próprio Deus colocou neste mundo, mas sim na vida, na plenitude da vida, na dignidade dessa vida e também, porque não, no deleite e na fruição da vida⁴⁵. Não devemos aqui, porém, caminhar para o outro extremo e entendermos a espiritualidade cristã como a busca por toda e qualquer experiência que me faça simplesmente sentir-se bem e realizado, custe o que custar a qualquer preço e por qualquer meio. Até porque, mesmo ela, comporta certamente algumas chamadas “exigências éticas” do Reino de Deus que brotam do *kerigma* do próprio Jesus, muito embora não devamos reduzir o Evangelho de Cristo a um projeto ético, pura e simplesmente porque a ética de Jesus não pode ser praticada se não vivida a partir de uma profunda experiência de deixar-se conduzir pelo Espírito que o moveu.

Espiritualidade cristã, portanto, é a vida segundo o Espírito, isto é, a forma de vida que se deixa guiar pelo Espírito de Cristo⁴⁶. No mesmo sentido, Saturnino Gamarra indica que é costume apresentar a espiritualidade como sendo sinônimo de viver sob a ação do Espírito⁴⁷. A espiritualidade por si só é uma vivência que abarcará toda a vida da pessoa e não somente seu “espírito”; não somente sua individualidade e personalidade, mas também suas relações sociais, o que pode

⁴³ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 9.

⁴⁴ CASTILLO, J. M. La fe en tiempos de crisis, p. 47.

⁴⁵ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 10.

⁴⁶ ESTRADA, J. A. La espiritualidad de los laicos, p. 14.

⁴⁷ GAMARRA, S. Teología espiritual, p. 36.

envolver sim sua vivência religiosa ou até mesmo o ato de ser membro em uma comunidade de fé, mas, além disso, sua atuação enquanto cidadão do mundo.

Mas o que pode ser entendido com uma vida guiada pelo Espírito? Gustavo Gutierrez afirma que “uma espiritualidade é uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho”⁴⁸. Onde poderia estar, então, o centro da espiritualidade? Se entendermos, por exemplo, a religião como a relação com o transcendente, até poderíamos cair no erro de diagnosticar o centro da espiritualidade como estabelecido nela.

Por mais que seja verdade a relação com o transcendente, observa-se, por outro lado, se ele transcende parece não está aqui disponível ao nosso alcance, ou pelo menos pode nos levar ao perigo das mediações religiosas onde se colocam algo ou alguém entre nós humanos mortais e a divindade, tendo então o perigo iminente de ficarmos presos a essas mediações, correndo sério risco de nunca chegarmos ao ponto de acesso real com o divino. Isto é, muitas vezes, a vivência religiosa nos apresenta tantos caminhos e mediadores que a real mediação entre Deus e os seres, que é a vida, e não a religião, fica até esquecida.

O que na verdade possuímos tem relação de insatisfação com a resposta oferecida, com o resultado obtido e, por finalidade, independente da análise ser lógica ou possivelmente comprovada, mas por ser verdadeira para o grupo que a diz sentir, busca-se resoluções de praticidade real para a vida que é real e não romanceada por uma liturgia, não rara, estritamente proibitiva. Não é nem de longe erguer o distintivo das bandeiras dos que se colocam como “desigrejados” – que numa rasa e breve definição pode ser visto como o resultado de defensores da não instituição religiosa, mas que ao final acabam por recriar ou criar novos movimentos institucionais religiosos. O que se tem na busca dessa insatisfação que apresentamos na concordância com Castillo, é um pensar de que

em muitas vezes a religião e a vida entram em conflito recíproco, porque a religião complica a vida das pessoas que levam a sério as crenças religiosas. E a vida, com seus dinamismos, seus direitos e seus instintos mais básicos, é vista pelos responsáveis da religião como um perigo para os interesses da instituição religiosa. [...] Enquanto as religiões não tiverem clareza sobre essas questões tão básicas e tão fundamentais, é evidente que viverão na constante contradição de

⁴⁸ GUTIERREZ, Teología de la liberación, p. 244.

serem representantes de Deus e, ao mesmo tempo, agressoras da obra fundamental de Deus, que é a vida⁴⁹.

De tudo que podemos compreender, conclui-se a real necessidade da integração ofertada pela espiritualidade que pormenorizamos através de alguns aspectos conceituais. Um dos mecanismos possíveis direcionados será o de se utilizar e abraçar uma espiritualidade não apenas capaz de diálogo, mas intencionalmente buscadora desse caminho. Na verdade, o que se percebe é um corolário que tem apontado para uma junção cada vez mais necessária entre a práxis e a espiritualidade. Ou seja, o problema nunca foi o saber ou o chamado pensar teológico que supostamente podem estar na base organizacional da instituição religiosa em si, mas sim certa indignação que nos causa quando o academicismo dos púlpitos e altares parece tropeçar na mesa de sua própria soberba e perdemos tanto tempo elaborando um emaranhado de tratados, que na prática não tratam de nada que é essencial, ou pelo menos não têm o alcance prático real na vida daquele objeto de alcance central de uma espiritualidade que se diz cristã: o outro, o próximo, o “desembocar” para a vida “real” do ser.

A espiritualidade ganha termo porque, como experiência, obviamente pode se utilizar da célebre formulação de H. U. Von Balthasar, como “a atitude básica, prática ou existencial, própria do homem, e que é consequência e expressão de sua visão religiosa – ou de um modo mais geral, ética – de existência”⁵⁰. Ou seja, sai do campo tão somente do pensar para realizar, sem, contudo, cair simplesmente num ativismo sem rumo, mas como o expressar experimental de um mover real transformador conduzido por Deus.

Em última análise, a fé não é modo de falar ou de pensar, mas sim modo de viver, e só em uma práxis viva é que podemos ser adequadamente articulados. Reconhecer Jesus como nosso Senhor e Salvador só tem sentido se procurarmos viver como ele viveu, e organizar nossa vida de acordo com os seus valores. Não precisamos teorizar a respeito de Jesus, precisamos é “reproduzi-lo” em nossa época e em nossas circunstâncias. De modo que nossa busca, como a sua, é em primeiro lugar a busca de uma *ortopraxis*, mais do que uma ortodoxia⁵¹.

⁴⁹ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 34-35.

⁵⁰ BALTHASAR, H. U. Von. El Evangelio como critério y norma de toda espiritualidade em la iglesias, p. 7.

⁵¹ NOLAN, A. Jesus antes do Cristianismo, p. 201.

A correlação entre práxis e espiritualidade nos conduzirá em nossa próxima reflexão, onde acreditamos ser um caminho não apenas sem volta como imprescindível para qualquer pretensão de uma espiritualidade que se autodenomine cristã: o diálogo. Até porque toda preocupação do sujeito concentrada em si mesmo e em seu próprio protagonismo, em seu próprio chamado crescimento espiritual, na concentração de virtudes e méritos, a fim de conseguir o mais alto grau de santidade e enxergar isso como o alvo principal dessa vida, incorre no perigo tradicional que por centenas de anos vem se afirmando sobre espiritualidade.

Por isso, não é raro encontrarmos pessoas que cultivam assiduamente a espiritualidade, mas de tal maneira que, ao mesmo tempo, são pessoas agarradas às suas próprias ideias e aos seus próprios interesses – são impositivas e dominadoras, incapazes de reconhecerem tais atitudes, muito embora dissimulem sob formas e práticas que podem parecer o mais sublime espiritual deste mundo e do outro⁵².

Definitivamente, a espiritualidade cristã precisa ser obviamente cada vez mais parecida com os preceitos de seu “Mestre”, do que com as instituições que realizam ações, as quais Ele mesmo fez questão de combater como injustiça, discriminação, desigualdade e tudo o que vem a ferir o conceito de uma vida plena e abundante.

O que traduz intimidade é relacionamento e não conhecimento. Uma coleta de dados sobre quem foi ou é Jesus não pode nem deve ser confundida como uma experiência da espiritualidade cristã. Evangelho como boa notícia de Deus é aquilo que chega ao encontro das carências que se completam formando a unidade do corpo. Não tem necessária relação, portanto, com o conhecimento do Jesus histórico, no sentido de saber quem Ele foi.

Castillo, por exemplo, insiste que mais importante do que conhecer Jesus é seguir Jesus. Os Evangelhos foram escritos como textos de fé, a partir da fé dos evangelistas. Não se preocuparam, os autores, em nos transmitir uma história, no sentido moderno, mas uma mensagem de vida. Seria impossível, hoje, reconstruir uma história de Jesus de Nazaré. Por isso, mesmo que busquemos o Jesus da história, devemos ter em conta a intenção e a teologia dos evangelistas. O objetivo da leitura do Evangelho, assim, não é um mero conhecimento, pois este não

⁵² CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 24.

produziria em nós convicções. A urgência de encontrar o humano, a vida prática e o concreto do Evangelho, se coloca como uma necessidade de significância, uma urgência para a Evangelização⁵³.

Decorre que o saber cristológico não se transmite pelos conceitos, mas pelos discursos narrativo-práticos. O mais importante é o acontecer de Jesus, e não o ser das definições doutrinárias. O conhecimento sobre Ele, assim, não se traduz pelas categorias ontológicas, mas é formulado em categorias históricas⁵⁴.

Nossa pesquisa está toda pautada nesse “acontecer” de Jesus, na perspectiva de apresentação de um caminho que apresente a espiritualidade cristã como prática mais do que necessária, em contraponto a todo um sistema que se apresenta como sendo exclusivamente organizacional, burocrata e cheio de prescrições. É nesse sentido que será apresentado o tópico seguinte.

3.2

Proximidades e distanciamentos conceituais entre espiritualidade e religião

É impressionante o poder que certas expressões carregam em si. Por exemplo, quando ouvimos que alguém é muito religioso, na maioria das vezes, a conotação está em compreender tal pessoa como sendo extremamente ritualística, onde o conceito de ser religioso se associa com a percepção de ser alguém que tem nas práticas periféricas e até mesmo litúrgicas certa característica. Automaticamente, contrapomos nosso pensamento quando ouvimos que alguém é extremamente “espiritual”. Se tal adjetivação for produzida por outrem sobre alguém seguirá elogiosa, querendo quase sempre afirmar que este é “sério”, “não carnal”, voltado para “as coisas de Deus”. Já se o elogio for uma autopromoção, será observado como arrogância e soberba, afinal de contas por se tratar de certa virtude experiencial com a divindade, pode transparecer total falta de humildade e sentimento “nobre”.

Nota-se que, na maioria das vezes, a associação que fazemos sobre ser espiritual ou ainda sobre a espiritualidade tem relação de oposição com aquilo que tende a ser chamado de carnal. Isso ocorre porque na maioria das vezes somos

⁵³ NENTWIG, R. Carnalidade, alteridade e liberdade, p. 14.

⁵⁴ NENTWIG, R. Carnalidade, alteridade e liberdade, p. 14.

conduzidos a projetar em nós a dicotomia que tende a afirmar que se algo é “espiritual” não pode ser algo “carnal” e muitas das vezes associado aqui como algo “corporal” – isso leva a conclusões profundas de que a espiritualidade seria algo “fora” do corpo, fora do físico, ou ainda, além do corpo. É de se entender que tal associação provavelmente ocorra pela consideração de que “espiritualidade” venha de “espírito” e, como afirmamos, para muitos, espírito é aquilo que se opõem à matéria, ao corpo, àquilo que imediatamente é captado pelos olhos e que nós podemos tocar, isto é, o mais sensível possível, mais próximo, e por que não, mais nosso⁵⁵.

O que é necessário fazermos aqui é apresentarmos certa conceituação de espiritualidade para que então possamos inclusive sufixá-la como “cristã” e, após isso, destacarmos a distinção que precisa ser feita entre uma vivência religiosa e a chamada espiritualidade; denotando que muitos podem ser partícipes dessa experiência sem, contudo, serem vistos como religiosos. Fato é que vivemos num mundo cada vez mais desejoso de experiências, desesperado pelo sobrenatural e carente de respostas cada vez mais profundas e racionais. Num mundo onde as pessoas tendem a se afastar do religioso, a decretar a morte de certos sistemas litúrgicos, todavia, concomitante a isso, há um mundo também cada vez mais em busca da “sua” espiritualidade. São pessoas que formam uma geração que gosta cada vez menos das chamadas “igrejas tradicionais”, mas que está cada vez mais apaixonada pela espiritualidade. Estão verdadeiramente insatisfeitos! Isso porque se fadou a perceber que a religião é aquela que impõem deveres, proíbe coisas que nos agradam e, além disso, ameaça aquele que não se comporta bem⁵⁶.

E mesmo no âmbito da chamada espiritualidade cristã há alguns ainda que possuem a impressão de que esta entra em conflito com a felicidade humana, com o deleite, com aspirações muito profundas que todos nós trazemos carregadas em nosso próprio DNA, de nossas ideias mais desejosas⁵⁷, meio como que ser espiritual e feliz fossem ambiguidades e, por si só, obrigatoriamente “sentimentos” diametralmente opostos.

Aqui se faz imprescindível um discorrer mais condensado sobre a certa historicidade da conceituação da própria palavra “espiritualidade”. Durante muitos

⁵⁵ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 11.

⁵⁶ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 8.

⁵⁷ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 11.

séculos autores que abordaram esse tema associaram a palavra “espiritualidade” ao negacionismo da corporeidade, da matéria, ou também daquilo que denominaram de “animalidade”⁵⁸. O termo “espiritualidade” não é muito antigo, aparecendo pela primeira vez numa carta do Pseudo Jerônimo, cujo autor parece ter sido Pelágio ou um de seus discípulos⁵⁹. Já, por volta de 1060, Berengário de Tours⁶⁰ se serve desse termo em sua interpretação da presença eucarística; e é significativo que para esse autor, “espiritualidade” se oponha a “sensualidade”⁶¹, numa clara ratificação do confronto entre espírito e corpo, uma vez que desse precederia tudo aquilo que pode vir a ser visto como sensual.

Já no século XII, Gilberto de Nogent, monge de Beauvis, fala de espiritualidade como o oposto das imaginações que a poesia comporta⁶². E, nesse mesmo tempo, por volta de 1120, Rimbaldo de Liège afirmam de modo conclusivo: “Se quisermos ver as coisas próprias de Deus, é necessário que deponhamos a animalidade e assumamos a espiritualidade”⁶³.

No século XIII, Guilherme de Auvérnia é ainda mais contundente, pois opõe a espiritualidade à brutalidade ou animalidade⁶⁴. Por sua vez, Tomás de Aquino emprega *spiritualitas* num sentido ascético e nela distingue três graus, segundo se triunfe mais ou menos sobre a *carnalitas*. Esses graus correspondem, em primeiro lugar, às virgens, em segundo lugar, às viúvas, e finalmente às pessoas casadas⁶⁵.

⁵⁸ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 12.

⁵⁹ Epist. VII, 9 PL 30, 118 C, A. SOLIGNAC, “Spiritualité”, em Dictionnaire de spiritualité, p. 1143.

⁶⁰ Berengário de Tours (c. 1000 – 1088) foi um teólogo cristão do Século XI, nascido na França. Ocupou entre outros o cargo de mestre-escola na escola catedral de Chartres e se notabilizou por pregar o uso da razão e da lógica nos domínios da fé, pois essas seriam um presente de Deus.

⁶¹ BEENKENKAMP, W. De sacra coena adversus Lanfrancum, p. 106.

⁶² De vita sua, I, 17. PL 156, 874 AB, ed. de E. R. Labande, Paris, 1981, p. 138. Gilberto de Nogent foi, segundo a Enciclopédia online TRECCANI, escritor e cronista eclesiástico (n. 1053 - d. *Nogent-sous-Coucy* 1121). Autodidata ou simples discípulo de gramáticos, aos treze anos tornou-se monge em Flay e foi muito influenciado por Santo Anselmo, que o apresentou a São Gregório Magno. Abade de *Nogent-sous-Coucy* (1104) deixou um grande número de obras de considerável valor: *De vita sua*, *De pignoribus sanctorum*, *Gesta Dei per Francos*, nas quais narra os acontecimentos das Cruzadas até 1101, com um acréscimo até 1104 e que se baseia essencialmente na história de um anônimo que seguiu *Boemondo*. Ele também era notável como pregador. Disponível em <https://www.treccani.it/enciclopedia/gilberto-di-nogent/>. Acesso em 02/04/2021.

⁶³ De vita canônica, 11, ed. de C. de Clercq, CCM, 4, 1966, p. 28.

⁶⁴ “De anima”, c. 5, XII, em Opera, 2/2, 130 a-b, cf. A. SOLIGNAC, p. 1145.

⁶⁵ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 12-13.

O que se percebe de comum em todos os casos apresentados é enxergar e apresentar a espiritualidade como o oposto de tudo aquilo que possa ser visto como corpóreo, inclusive porque se atribui ao corpo, no sentido físico e material, toda e qualquer forma de não espiritualidade, entrando também nessa listagem a vertente sexual, onde, por esse viés de raciocínio, a espiritualidade seria, então, também a negação de toda e qualquer forma de sexualidade. Essa é a típica percepção, muito menos rara do que se pode imaginar, de que a espiritualidade é própria da esfera do divino, ficando então o humano relegado àquilo que o cristão deve desprezar ou, pelo menos, dominar e subjugar⁶⁶.

No sentido de tal desprendimento com o corpóreo e o material, há pouco mais de um século (1917), o *Manuel de Spiritualité* de Auguste Saudreau⁶⁷ definiu a espiritualidade como “a ciência que ensina a progredir na virtude e especialmente no amor divino”. Ou seja, tudo que for de caráter aparentemente humano, sejam as lutas do dia a dia, o compromisso pela vida, o próprio amor humano, as questões de políticas e de progresso, as lutas por igualdade social e porque não as alegrias e prazeres nesta vida debaixo do sol acabaram tradicionalmente à margem da espiritualidade⁶⁸. Qual a consequência disso? A ideologia de que quanto mais espiritual (no sentido de envolvimento nos caminhos da espiritualidade) for o ser mais ele deve renunciar ao essencial de si mesmo ou praticar certo ascetismo social de sua própria existência.

Mas será que uma percepção assim acerca da espiritualidade é realmente factível? Será que ela “existe” para ser possível? Ou mesmo refletir sobre ela num grau de certa dificuldade é o que a faz ser a mais robusta das “espiritualidades”? Alguns poderiam até mesmo argumentar que o afrouxar de determinadas normas de ascetismo pode acarretar em conceitos de libertinagem e não de espiritualidade. Será mesmo que é desse tipo de negação de si mesmo que, por exemplo, o Evangelho, fonte e origem de qualquer espiritualidade que pretenda ser cristã, defende? Se nossa espiritualidade deve ter sentido de resposta para nossa existência

⁶⁶ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 13.

⁶⁷ Auguste Saudreau (17/01/1859 – 20/11/1946) foi um padre diocesano que escreveu sobre a vida ascética e mística. Foi pároco e depois ordenado capelão da Casa mãe das irmãs do Bom Pastor. Seguiu as doutrinas de São Tomás de Aquino e de São João da Cruz sobre a estrutura da vida espiritual e do crescimento da alma na graça. Via então a vida mística assim descrita não como um fenômeno extraordinário, mas o desenvolvimento normal das virtudes e dons. Tradução nossa do material disponível em <https://www.encyclopedia.com/religion/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/saudreau-auguste>. Acesso em 10 mai. 2021.

⁶⁸ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 14.

ainda nessa perspectiva temporal e não apenas para eventual eternidade, não deveríamos ser mais coerentes, sinceros e autênticos na oferta de uma espiritualidade dialogal possível? A não ser que a ideia seja justamente o contrário: tornar impossível qualquer tipo de diálogo e aproximação com o outro. Pois aí talvez esteja a única forma desculpável de se entender a espiritualidade isolacionista e praticamente asceticamente inatingível como algo originalmente idealizado por seus adeptos.

De maneira mais objetiva possível, tudo isso pode nos indicar que uma pessoa que busca agir retamente, muito embora sua atuação em nada tenha relação com a religião, se relaciona com Deus e se une a Deus, em tudo tem a ver com espiritualidade. É por isso que o trabalho prazeroso, o descanso, o deleite e todas as ações mais simples e as mais “intranscendentes” da vida, na realidade são coisas que nos conduzem a Deus, nos aproximam d’Ele e possuem profundo e radical sentido religioso, embora nem sequer pensemos nisso e nos demos conta. São atos que não carregam consigo o peso da religiosidade, talvez por não estarem travestidos da tradicional vestimenta da religião, mas que no fundo são exemplos de uma genuína espiritualidade. Dessa que entende na vida que glorifica o Cristo como resultado de uma espiritualidade que pode ser adjetivada como cristã e não naquela que insiste em querer separar e distanciar “espírito” de “matéria”, como se um fosse bom e o outro mau.

E por mais que espiritualidade e religião possam se complementar, não devem se confundir. A espiritualidade existe desde que o ser humano irrompeu na natureza, há mais de 200 mil anos. As religiões são recentes, não ultrapassam oito mil anos de existência. Religião é a institucionalização da espiritualidade, assim como a família é do amor. Há relações amorosas sem constituir família. Do mesmo modo, há quem cultive sua espiritualidade sem se identificar com uma religião. Há inclusive espiritualidade institucionalizada sem ser religião, como é o caso do budismo, uma filosofia de vida⁶⁹.

O que se percebe é uma clara insatisfação com tudo o que aparentar possuir uma tentativa de resposta rápida e pronta para o sofrimento alheio. E o ambiente milenar oriundo das religiões, inclusive com toda sua pretensa de religar o homem a uma divindade, pode ter corroborado, e muito, para essa dicotomia entre espiritualidade e religião; tendo ficado nítido a que conceito de religião nos

⁶⁹ BETO, Frei. Citado por BINGEMER, M. C. L. Mais espiritualidade e menos religião, p. 76.

referimos para a afirmação de que tal perspectiva delimitadora não pode ofertar respostas que às gerações insatisfeitas por liturgias, mas carentes por respostas aos seus anseios continuam a buscar ainda que sem saber onde. Que não se caia obviamente no perigo de transviar a espiritualidade num hedonismo religioso personalista – como que se fosse exclusiva função da espiritualidade tornar prazerosa a vida do ser que a “experimenta”, mas que também não seja a espiritualidade refém de novos dogmas estritamente fixos e delimitadores que então, quando menos se vislumbrar, já se tornarão novas religiões e não possibilidades de experiências reais, práticas e assim funcionais com Deus.

O item seguinte propositalmente leva o título de uma célebre obra de José Maria Castillo. Uma ‘espiritualidade para insatisfeitos’, mas não completamente. É uma insatisfação por assim dizer, “seletiva”. Não é ser “do contra”. Mas uma insatisfação com uma burocracia religiosa muitas das vezes dotada de excessiva ascese e pouco diálogo.

Num mundo onde o processo de secularização, ao invés de promover a derrocada da religião na Era moderna, revitalizou-a através da perda da plausibilidade das religiões tradicionais e pela liberdade religiosa que ela promoveu. Nos séculos XIX e XX a religião sofreu influências das ideologias modernas e adaptou-se. O pluralismo e os novos movimentos religiosos são frutos do processo de secularização na modernidade, denotando as modificações ocorridas no campo religioso ocidental⁷⁰.

3.3 Mais espiritualidade e menos religião

Em 2012 o teólogo estadunidense Roger Haight, em entrevista à revista do IHU, declarou que a Igreja perdeu relevância pública, o que estimulou o surgimento da espiritualidade em contraposição à religião porque a Igreja não é mais vista como uma fonte de espiritualidade humanística⁷¹. Temos nessa frase uma clara percepção de distanciamento entre religião e espiritualidade. O conceito aqui, bastante comum, as coloca como antônimas ou até mesmo excludentes:

⁷⁰ ALMEIDA, M. R. H. Religião e modernidade: algumas conclusões acerca do processo de secularização no ocidente. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10551>. Acesso em 17 mai. 2021.

⁷¹ HAIGHT, R. Citado por BINGEMER, M. C. L. Mais espiritualidade e menos religião, p. 76.

espiritualidade que surge porque a igreja institucional, vista como uma religião parou de oferecer respostas aos anseios humanísticos.

Inclusive, acredita Bingemer⁷² que as religiões, em princípio, deveriam ser fontes e expressões de espiritualidades. Embora nem sempre isso ocorra, pois em geral a religião se apresenta como um catálogo de regras, crenças e proibições, enquanto a espiritualidade é livre e criativa. Na religião, predomina a voz exterior, da autoridade religiosa, na espiritualidade, a voz interior, o "toque" divino. E, naturalmente, isso faz com que se associe a figura do "religioso" à membresia⁷³ de uma comunidade de fé, tendo seu *hall* taxativo de leis e regras muito bem definidas, muitas vezes sem qualquer tipo de abertura para os imprevistos da espiritualidade de um Deus que é criativo por essência.

A religião é vista como uma instituição, a espiritualidade como uma vivência. Na religião há disputa de poder, hierarquia, excomunhões e acusações de heresia. Na espiritualidade predominam a disposição de serviço, a tolerância para com a crença (ou a descrença) alheia, a sabedoria de não transformar o diferente em divergente⁷⁴. E é justamente nesse último aspecto aqui elencado que a religião mais encontra dificuldade, pois ao se preocupar com uniformidade em detrimento de unidade, rotineiramente rotula o outro como adversário, e não apenas como alguém que pensa e existe de maneira diferente.

A religião é a mais onipresente e a mais universal das características constitutivas da humanidade. Tudo aquilo que é humano, desde o mais sublime até o mais corriqueiro dos atos, já passou pela identificação com o fenômeno religioso⁷⁵. E mesmo hoje, em plena secularização, a religião continua sendo objeto de observação e estudo, acabando por ser, muitas vezes, o que redefine as preocupações atuais pelo menos em última instância⁷⁶.

Mesmo sendo negada a importância da religião, ela faz mais que nunca parte do cotidiano moderno. E isso porque a morte, apesar de haver sido confinada à preocupação de profissionais (médicos, intensivistas, funerárias), continua assaltando o imaginário das pessoas que a cada dia seguem sentindo-se

⁷² BINGEMER, M. C. L. Mais espiritualidade e menos religião, p. 76.

⁷³ Membresia é termo mais comumente utilizado em igrejas cristãs evangélicas e diz-se daqueles que já batizados passam a fazer parte do *hall* de membros dessa chamada igreja local.

⁷⁴ BETO, Frei. Citado em BINGEMER, M. C. L. Mais espiritualidade e menos religião, p. 76.

⁷⁵ BAUMAN, Z. Postmodernity and its discontents, p. 166.

⁷⁶ BAUMAN, Z. Postmodernity and its discontents, p. 170.

ameaçadas miudamente, fragmentariamente em seu desejo de viver. A morte humana como tal se tornou uma ocorrência diária – pelos meios de comunicação, pelo inchamento das grandes metrópoles e pela violência e injustiça que campeiam em nossas sociedades – comum demais para espantar e despertar medo. É um espetáculo a mais, entre tantos outros⁷⁷.

O fato é que o processo de secularização apresenta uma face positiva e não apenas negativa. Ele vai lembrar-nos que a emancipação do humano não significa, necessariamente, o crepúsculo de Deus. E que, se a secularização pode ser vista – em muitas de suas faces – como inimiga de certa concepção de religião, muito particularmente da religião institucionalizada, – não necessariamente isto quer dizer que a mesma secularização, em outras de suas faces, não possa conviver – ou seja, fazer interface, – e com um aceitável nível de cordialidade, com a experiência humana da fé⁷⁸. O que está sendo dito é que a mesma secularização que aparentemente virou às costas para toda e qualquer tipo de institucionalização religiosa, mostra-se também como campo fértil para a experiência da fé.

E todo processo histórico de secularização foi sendo desenvolvido através do tempo. A história da humanidade é composta por rupturas e continuidades, onde os eventos processuais possuem alguns atos pontuais relevantes. E um dos maiores impactos de transformação provocados justamente pelo tempo presente é sua incidência sobre a religião. Em uma perspectiva moderna, para que alguma coisa fosse considerada legítima ou verdadeira, ela deveria passar pelo processo de compreensão racional. Isto seria como que o antídoto do fanatismo, superstição e intolerância que a religião sempre foi acusada de carregar com ela⁷⁹.

É também nas chamadas sociedades tradicionais que a religião possui o monopólio da cosmovisão. A consequência é que aí a religião é mais do que religião, pois desempenha um papel social e cultural tão importante que praticamente todas as realidades sociais (políticas, econômicas, jurídicas, artísticas), assim como as comportamentais (familiares, psicológicas, simbólicas) dependem da religião vigente para serem legitimadas. É a religião que estrutura o ritmo do tempo por intermédio do toque dos sinos para a missa matutina, o

⁷⁷ BAUMAN, Z. Postmodernity and its discontents, p. 175.

⁷⁸ BINGEMER, M. C. L. Revista brasileira de filosofia da religião. Brasília, p. 78.

⁷⁹ CASTIÑEIRA, A. A experiência de Deus na pós-modernidade. Citado por BINGEMER, M. C. L. Mais espiritualidade e menos religião, p. 79.

ângelus, as vésperas, o toque de finados ou de festa religiosa, e assinala os diferentes momentos do dia e da semana ou do ano⁸⁰.

Já a prática de fé da espiritualidade que se reflete no Deus de Jesus, não busca monopólio ou doutrinação coercitiva. O sinal realizado nas Bodas de Caná (Jo 2,1-11) pode servir como um exemplo emblemático para fundamentar a preocupação de Jesus com a felicidade. Ele transformou a água das purificações em vinho da alegria, ou seja, transformou a água da frieza da lei em alegria da salvação, em gozo. Jesus revela que a religião fria, que impede a vida, deve ser substituída pela religião que gera a alegria. Foi o primeiro sinal realizado por Ele, um sinal para suscitar a fé, realizando-o no contexto da festa e do amor. Deseja mostrar que somente o amor é digno de fé, e o amor está associado ao gozo da vida⁸¹. Assim, a glória de Deus se manifesta quando os amantes compartilham o melhor vinho na sua festa, na sua alegria, no seu gozo – isto é muito humano. Sua glória é produzir felicidade⁸².

Quando, portanto, afirmamos a compreensão de mais “um” do que o “outro”, no caso “Jesus” e a “religião”, nos utilizamos obviamente da idealização de que Jesus sempre valorizou mais os relacionamentos do que as regras – sem assimilar tal assertiva como uma autorização para a anarquia. Todavia, por onde quer que Ele passasse, duas coisas inevitavelmente aconteciam: a vida das pessoas era modificada e a ordem religiosa estabelecida era perturbada.⁸³ Na espiritualidade do relacionamento, nos deparamos com o encontro verdadeiro na fala do Papa Francisco no desafio de alcançarmos essa experiência desejável, prática, relacional e que seja essencialmente missionária:

O problema não está sempre no excesso de atividades, mas, sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata duma fadiga feliz, mas tensa, gravosa, desagradável e, em definitivo, não assumida. Esta acédia pastoral pode ter origens diversas: alguns caem nela por sustentarem projetos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que poderiam razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolução dos processos e querem que tudo caia do Céu; outros, por se apegarem a alguns projetos ou a sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade; outros, por terem perdido o contato real com o povo, numa despersonalização da pastoral que leva a prestar mais atenção à organização do

⁸⁰ COMTE-SPONVILLE, A. O espírito do ateísmo, p. 18-20.

⁸¹ NENTWIG, Roberto. Carnalidade, alteridade e liberdade, p. 20.

⁸² CASTILLO, J. M. A ética de Cristo, p. 61-74.

⁸³ ARTERBURN, S; FELTON, J. Mais Jesus menos religião, p. 12.

que às pessoas, acabando assim por se entusiasmarem mais com a “tabela de marcha” do que com a própria marcha; outros ainda caem na acédia, por não saberem esperar e quererem dominar o ritmo da vida. A ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos faz com que os agentes pastorais não tolerem facilmente o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz.⁸⁴

Propormos como Francisco, uma espiritualidade que seja viva, sóbria e liberalmente capaz de se alegrar um pouco, num mundo que tem se provado cada dia dotado de males mais complexos e de extravagâncias sombrias. Seria então

uma espiritualidade cristã como um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres⁸⁵.

E se não existe espiritualidade que seja cristã sem o Cristo, dessa experiência e desse mistério, ter mais (essa) espiritualidade do que a religião do desamor é ter mais a Cristo do que a opressão. Onde Deus é considerado uma grandeza secundária, onde pode ser deixado de lado por algum tempo ou por todo o tempo por causa de coisas mais importantes, aí precisamente fracassam essas coisas pretensamente mais importantes⁸⁶.

A questão toda é que muitos deformaram a fé. De fato, para a grande maioria do povo, a fé é autêntica quando se vive como a correta relação com Deus. E isso só ocorre traduzido na submissão ortodoxa dos crentes aos que ensina e manda a autoridade hierárquica da Igreja. Isto é o que ensinam os livros de teologia e o que explicam os catecismos. Algo que se levou tão a sério, que por isto os hereges foram condenados, torturados e até queimados vivos em praça pública. Para isso se criou a Inquisição.

Porém, neste assunto, há que se andar com cuidado. Porque, se nos atentarmos ao que relatam os Evangelhos, a fé não é sempre a correta relação com o Deus verdadeiro, mas a correta relação com a saúde humana.

O maior elogio, que fez Jesus, da fé, não foi o de um crente no Deus verdadeiro, mas o de um militar romano, que tinha suas crenças, porém sofria porque um servidor seu estava morrendo (Mt 8, 5-13; Lc 7, 1-10). E a “grandeza da fé” não foi atribuída a um discípulo seu, mas a uma mulher Cananeia, que era pagã, porém queria muito uma filha sua que sofria (Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-30). Como também resulta estranho que o único leproso curado, que mereceu o elogio de sua fé, não foi nenhum dos ortodoxos judeus, que se foram ao templo, mas sim

⁸⁴ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. n. 82. Papa Francisco. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazo-ne-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 04 abr. 2021.

⁸⁵ FRANCISCO, Papa. *Laudato si*. ns. 4. 222, Papa Francisco. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em mar. 2021.

⁸⁶ RATZINGER, J. Jesus de Nazaré, p. 45.

um herege samaritano, que teve a atenção de agradecer sua cura (Lc 17, 11-19). [...] Para Jesus é mais importante a “humanidade” que a “religiosidade”. E isso é o que não entra na teologia e na cabeça de alguns teólogos⁸⁷.

⁸⁷ CASTILLO, J. M. Jesus suporta o erro. O que Ele não suporta é o sofrimento. Artigo disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606865-jesus-suporta-o-erro-o-que-ele-nao-suporta-e-o-sofrimento-artigo-de-jose-m-castillo>. Acesso em 14 mar. 2021.

4.

A hospitalidade como espiritualidade: a abordagem ousada do Papa Francisco

O ambiente de nossa pesquisa perpassa pela implicação de crer numa espiritualidade cada vez mais prática e que desemboque para a vida do próximo. Isso significa dizer, entre tantas coisas, que englobe uma vivência que tenha no outro a extensão dessa perspectiva de fé, a realização do Reino. É será justamente nesse caminho que nos depararemos com o Papa Francisco e toda sua habilidade para tratar, por exemplo, da temática urgente da hospitalidade. Isso porque muito antes de qualquer eclodir de uma pandemia (prevista ou não), ele já demonstrava se preocupar em como cuidar, acolher, proteger, promover⁸⁸ e integrar os marginalizados.

4.1.

A acolhida concreta aos refugiados

Quando pensamos em hospitalidade e espiritualidade, de imediato percebemos o quanto se torna latente a imagem e todo esforço do Papa Francisco. Como numa atualização da temática da hospitalidade temos, como destaque, para fundamentação de nossa abordagem, a acolhida concreta aos refugiados.

O porquê de termos atribuído a adjetivação de ousada para abordagem do Papa é porque a utilização da imagem de Jesus com a dos menos favorecidos na perspectiva daquele que é o próprio amor encarnado, não parece enfrentar tanta rejeição, uma vez que parte do transcendente para sua criação e enxerga essa associação como ato generoso e compassivo.

Mas esse Jesus dos refugiados é também o mesmo defensor dos últimos de Pagola⁸⁹. Esses refugiados esquecidos e marginalizados eram também os alcançados na Galileia. Estamos falando dos mais indigentes, muitos dos quais nem sequer possuíam casa para morar. Estes certamente precisam saber o quanto antes

⁸⁸ FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial do migrante e do refugiado. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papafrancesco_20200513_world-migrants-day-2020.html. Acesso em 16 out. 2020.

⁸⁹ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 219.

que o Reino de Deus é para eles. Conheciam como era o mundo dos poderosos. Agora precisavam conhecer como é a vida que Deus quer para eles: um reino de justiça e de compaixão, onde os grandes proprietários de terra serão os “últimos” e os mendigos das aldeias serão os “primeiros”. Eles fazem parte do estrato ou setor social mais oprimido: os que, ao ficar sem terras, viram-se obrigados a buscar trabalho como diaristas ou viver da mendicância ou da prostituição.⁹⁰

Estes que constituem os “pobres” do tempo de Jesus, não são a imensa maioria pobre que luta para sobreviver, mas que possui trabalho estável ou um pequeno terreno. Quando Ele fala dos “pobres”, está se referindo aos que nada têm; pessoas que vivem no limite, os expropriados de tudo, os que estão no outro extremo das elites poderosas. Sem riqueza, sem poder e sem honra. Todavia, eles não compõem uma massa anônima. Eles têm rosto, embora muitas vezes esteja sujo e definhado pela desnutrição. São mulheres, crianças órfãs, mendigos sem teto, escravos fugidos, mulheres estéreis repudiadas por seus maridos. São o material sobrando do Império. Vidas sem futuro.

Quando o Papa então diz no Dia do Migrante e Refugiado⁹¹: *“Forçados como Jesus Cristo a fugir”*, torna-se preciso entender ao mesmo tempo a significância disso reverberado no mundo e ecoado dentro do próprio cristianismo. Ou seja, quais as implicações práticas de tal fala para o avanço daquilo que se pode chamar de função primordial da igreja e não como extraoficial? Se o mundo em geral a ouve como apenas mais uma fala amorosa sem efeito prático algum, de mais um entre tantos líderes religiosos, influentes ou não, como isso ressoou e ainda tilinta nos ouvidos eclesiais?

Assim como os refugiados forçados a se “movimentarem”, a ordenança de Jesus à sua igreja foi para que ficassem tão somente até serem capacitados pelo Espírito, para com poder testemunharem, tanto em Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins. A diferença básica é que essa dita igreja de Cristo só se movimentou quando a perseguição e morte sobre Estevão a impeliu. Ela teve a opção de cumprir o “Ide”. Esses refugiados receberam apenas a parte do “impelir”, da condução muito mais do

⁹⁰ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 221

⁹¹ CERASO, G., JAGURABA, M. O Papa no Dia do Migrante e Refugiado: Forçados como Jesus Cristo a fugir. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/tema-mensagem-papa-francisco-migrante-refugiado.html>. Acesso em 15 fev. 2021.

que coercitiva, não do Espírito capacitador de Deus, mas do espírito de opressão manifesto cada vez mais num mundo que transpira ira e esfriamento de amor.

4.2.

O Evangelho enquanto *missio* deverá se preocupar com a missão de todo tipo de refugiados em movimento forçado

É importante que reflitamos ainda sobre essa perspectiva do Evangelho enquanto “movimento”. Eram chamados os “do caminho” logo no início, aqueles que anunciavam o *kerigma* cristológico. Cumprir o propósito de Deus é geralmente associado ao cumprir o “Ide” (Mt 28,19). Veja-se que o Evangelho é sempre movimento, “*missio*”, caminhada; nunca estático, nunca já realizado, pleno e conquistado aqui e agora. Então, quando o Papa nos oferta a temática de reflexão sobre o cuidado daqueles que estão frequentemente em trânsito, em movimento e mais ainda não por uma escolha, mas pela imposição do esfriamento desse amor humano (Mt 24,12) no mundo, quer com isso manifestar a preocupação com essas pessoas que simplesmente estão esquecidas.

Segundo dados da Agência de Refugiados da ONU (UNHCR em inglês), o número de pessoas deslocadas à força, em 2020, ultrapassou os 80 milhões⁹². São seres humanos coercitivamente conduzidos a “se movimentar” de suas casas. Diferentemente de uma aceitação de fé ao chamado divino, como Abrão, eles não decidiram largar suas terras, sua parentela e muito menos estão a seguir um caminho que o Deus bíblico lhes mostrou – não! Eles, assim como o Jesus menino, não podem “se defender” e precisam que agentes pastorais sirvam cada vez mais intensamente como “pais” preocupados com o futuro dessa humanidade, tão igual quanto qualquer outra; crianças tão sonhadoras como nossos filhos, que dependem dos “Josés e Marias” da igreja do agora. Pois, não bastando o deslocamento forçado a suma importância da mensagem amorosa do Papa Francisco tem total relevância ainda mais neste longo período de pandemia que atinge a todos, onde os que já não tinham território perdem também o respeito, a

⁹² ONU NEWS. ONU revela que mais de 80 milhões de pessoas foram deslocadas à força em 2020. Dados disponíveis em <https://news.un.org/pt/story/2020/12/1735542>. Acesso em 09 dez. 2020.

identidade e a própria dignidade à mercê de políticas públicas cada vez mais excludentes e corruptas.

A prática da hospitalidade aqui envolve claramente ações que busquem alcançar com o amor com que Cristo alcançou aqueles que claramente estão em completa situação de abandono – para estes torna-se fundamental a chamada espiritualidade do diálogo, como num ato social integral genuíno. São milhões de pessoas afastadas de suas pátrias, mas que precisam ser enxergadas pela lente dessa verdadeira religião cristã prenunciada por Tiago (1,27). Não apenas alcançadas, mas ouvidas e curadas por uma espiritualidade que entenda ser a manifestação do Reino de Deus que oferta paz, justiça e alegria (Rm 14,17). Não devemos jamais perder essa “capacidade de escuta”, que fez, por exemplo, com que São Francisco de Assis escutasse a voz de Deus, a voz dos pobres, a voz do enfermo, a voz da natureza, e transformasse tudo isso num estilo de vida⁹³.

A amizade de Jesus com pecadores excluídos provocava também impactos surpreendentes. Como os refugiados da época, não necessariamente pela exclusão forçada de suas pátrias, mas pela impureza do pecado e do olhar julgador dos que se achavam exclusivamente povo de Deus merecedor, a hospitalidade do Papa Francisco era assim, como aquela do Cristo, uma espiritualidade escandalosa quando além de acolher os necessitados do *pão nosso de cada dia*, alcançava também aos impuros, simplesmente, porque nunca havia acontecido algo parecido na história de Israel. Essa espiritualidade do cuidado em Jesus é surpreendente. Não fala do pecado como algo que está provocando a ira de Deus. Pelo contrário, no Reino de Deus há também lugar para os pecadores e as prostitutas. São os “perdidos”. E destes fala Jesus em algumas de suas parábolas (Lc 15).

A partir dessa compaixão de Deus, Jesus formula tudo de maneira diferente: a todos é oferecida a hospitalidade do Reino de Deus. Por isso, todos precisam saber que Deus os abraça. Deus é assim: amor e perdão. E isso é hospitalidade. Isso é espiritualidade cristã.

O perdão é o sinal mais visível do amor do Pai, que Jesus quis revelar em toda a sua vida. Não há página do Evangelho que possa ser subtraída a este imperativo

⁹³ FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Fratelli Tutti* do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em 15 dez. 2020.

do amor que chega até ao perdão. Até nos últimos momentos da sua existência terrena, ao ser pregado na cruz, Jesus tem palavras de perdão (Lc 23, 34). Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão. É por este motivo que nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai Celeste, um amor incondicional e não merecido⁹⁴.

4.3.

A indiferença: sentimento inaceitável à causa da hospitalidade aos necessitados.

No cerne do discurso papal “Encontro com os imigrantes”, dentro de sua viagem apostólica ao Marrocos, há logo no introito o teor com que o mesmo seria conduzido:

Uma ferida que brada ao céu; não queremos que a indiferença e o silêncio sejam a nossa resposta (cf. Ex 3,7). E, mais ainda, quando se constata que são muitos milhões os refugiados e outros migrantes forçados que pedem a proteção internacional, sem contar as vítimas do tráfico e das novas formas de escravidão nas mãos de organizações criminosas. Ninguém pode ficar indiferente perante este sofrimento⁹⁵.

Ele, então, nos questionará se, como Igreja, temos deixado que o pior dos sentimentos esteja sendo a nossa marca: a indiferença. Isso porque o fato de um migrante estar localizado num lado ou de outro da fronteira não poder servir jamais como balizador para que este pudesse ser visto como mais ou menos humano. Dessa forma, somos levados ao completo vazio, quando perdemos nossa capacidade de compaixão e empatia; e quando nos tornamos uma sociedade sem coração, órgão pelo qual o homem pode ver a Deus⁹⁶.

Entretanto, a esperança renasce pela revolução do amor que virá encarnado no Cristo oferecendo, até então, uma oportunidade de vida inimaginável para estes que nada tinham. A vida insegura de itinerante aproximava muito Jesus deste mundo de indigentes, pois vivia praticamente como um deles: sem teto e sem trabalho estável. Logo, convida o grupo de seguidores a seu redor a fazer o

⁹⁴ FRANCISCO, Papa. Carta apostólica *Misericordia et misera* do Santo Padre Francisco. No termo do jubileu extraordinário da misericórdia. Disponível em <http://www.im.va/content/gdm/pt/giubileo/letteraapostolica.html>. Acesso em 14 fev. 2021.

⁹⁵ FRANCISCO, Papa. Viagem apostólica do Papa Francisco ao Marrocos. Encontro com os migrantes. Discurso do Santo Padre. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papafrancesco_2019_0330migranti-marocco.html. Acesso em 14 set. 2020.

⁹⁶ RATZINGER, J. Jesus de Nazaré, p. 93.

mesmo⁹⁷. Viverão da solicitude de Deus e da hospitalidade das pessoas. Ali está seu lugar: entre os excluídos do Império. Para Jesus, é o melhor lugar para acolher e anunciar o Reino de Deus. Ele não pode anunciar o Reino de Deus e sua justiça esquecendo estas pessoas. Precisa dar lugar a eles para fazer ver a todos que eles têm um lugar privilegiado no Reino de Deus. Não se aproxima deles de maneira fanática ou ressentida, nem rejeitando os ricos. Quer apenas ser sinal claro de que Deus não abandona os últimos⁹⁸.

Identificado com eles e sofrendo de perto as suas mesmas necessidades, Jesus vai tomando consciência de que, para estes homens e mulheres, o Reino de Deus só pode ser uma “boa notícia”. Veja-se como emblemático é o episódio entre o rico e Lázaro: o mendigo de feridas repugnantes que não sabe o que é um banquete, que está impuro, degradado ainda mais pelo contato com os cães de rua, em situação de extrema miséria, não reflete um sinal do abandono e da maldição de Deus? Seu fim não está longe. Talvez algum dos ouvintes de Jesus tenha estremecido. Lázaro podia ser um deles. Era esse o fim que esperava os que viviam mergulhados na miséria e sobreviviam naquela sociedade⁹⁹.

Assim, como o fim de muitos refugiados provenientes da sucessão de guerras, do descaso político, da ignorância religiosa, de uma pandemia sem discriminação ou de tudo isso junto de uma só vez, o Lázaro bíblico também pareceu esquecido. Mas, de repente, tudo muda. Aquele que morre e apesar de nem se falar de seu enterro é levado ao seio de Abraão, onde é acolhido para tomar parte em seu banquete. Os pobres não podiam acreditar. O que Jesus está dizendo? De acordo com a tradição de Israel, a prosperidade é sinal da benção de Deus e a miséria, pelo contrário, é indício de sua maldição. Com essa parábola Jesus não está descrevendo ingenuamente a vida do além, mas desmascarando o que acontece na Galileia. Essa riqueza que cresce graças a opressão sistemática dos fracos não é sinal da benção de Deus. Pelo contrário, é uma injustiça intolerável para Deus, e a vinda do seu reinado significará uma inversão total da situação.

É assim pois, que o Reino de Deus não será uma “boa notícia” para todos indiscriminadamente. Não podem ouvi-la todos por igual: os latifundiários que se banqueteiam em Tiberíades e os mendigos que morrem de fome nas aldeias. Não

⁹⁷ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 219.

⁹⁸ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 221.

⁹⁹ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 229.

é isto uma zombaria ou cinismo? Seria se Jesus falasse a partir dos palácios, mas está com eles. É mais um indigente que lhes fala com fé e convicção total. Essa miséria que os condena à fome e à aflição não tem sua origem em Deus, mas constitui um verdadeiro escândalo. Os que não interessam a ninguém interessam a Deus. Só se pode acolher a Deus construindo um mundo que tenha como meta primeira a dignidade dos últimos; estes, antes condenados a viver na vergonha, sem honra ou dignidade alguma são indesejáveis, qualquer um pode desprezar. Em geral, os mendigos da Galileia pedem esmola sentados no chão, quase sem atrever-se a levantar o olhar¹⁰⁰. Seu destino é viver degradados. Não são ninguém. Se desaparecessem ninguém o notaria. Nesse clima, desenvolveu-se uma dinâmica religiosa de “separação”.

A pergunta que ecoa do ousado discurso do Papa Francisco é justamente essa: onde e como se posiciona a Igreja que se diz de Cristo nesse tabuleiro político humanitário? O direcionamento contundente proposto pelo Papa surge com o intuito de destacar quatro atitudes imprescindíveis ao ato da hospitalidade, a saber: acolher, proteger, promover e integrar. E justamente isso deve ser observado como marcante característica dessa espiritualidade do cuidado.

4.4.

As atitudes acolhedoras de uma espiritualidade do cuidado: Acolhimento, proteção, promoção e integração.

A oferta papal para resolução da problemática do não cuidado e do descaso certamente está originalmente embasada no amor e disponível para aqueles que desejarem tornar mais concreta e real esta aliança de hospitalidade, verdade e fé, para aqueles que, de maneira sábia e declarada, prefiram envolver-se a emudecer, socorrer a isolar, construir a abandonar.

Considerando o cenário atual, acolher significa então, antes de tudo, oferecer a migrantes e refugiados possibilidades mais amplas de entrada segura e legal nos países de destino. Este esforço comum é necessário para não conceder novos espaços aos “mercadores de carne humana” que se aproveitam dos sonhos e carências dos migrantes. Todavia, para que se possa desembocar acolhimento ao

¹⁰⁰ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 246.

outro é necessário romper barreiras internas até então não assumidas como reais. Se a verdade quiser ser alcançada na oferta de segurança ao “outro” desconhecido, é necessário aprender com essa espiritualidade do cuidado, primeiro que acolher requer não desmerecer, não julgar, não premeditar, não predefinir; mas sim aderir à hospitalidade enquanto virtude real da espiritualidade cristã.

Queridos, a hospitalidade é importante; é uma importante virtude ecumênica também. Primeiramente, significa reconhecer que outros cristãos são realmente nossos irmãos e irmãs em Cristo. Nós somos irmãos. Alguém lhe dirá: "Mas esse é protestante, aquele é ortodoxo..." Sim, mas somos irmãos em Cristo. Não é um ato de generosidade numa só direção, porque quando hospedamos outros cristãos, os acolhemos como um presente que nos é dado. Como os malteses, bons malteses, somos recompensados, porque recebemos o que o Espírito Santo semeou em nossos irmãos e irmãs, e isso se torna um presente para nós também, porque o Espírito Santo semeia suas graças em todos os lugares. Acolher os cristãos de outra tradição significa, primeiramente, mostrar o amor de Deus por eles, porque eles são filhos de Deus, nossos irmãos, e também significa acolher o que Deus realizou em suas vidas¹⁰¹.

E, por mais que possa parecer normal para uma sociedade segregada que os degradados socialmente sejam considerados de maneira geral marginalizados e assim desagradáveis e destinados ao desprezo, Jesus nunca ousou olhar para ninguém assim e justamente por isso torna-se necessário, como no cuidado papal de acolhimento, olhar pelas lentes da piedade e da misericórdia, exaltando mais o “sede compassivo como vosso Pai é compassivo”, do que qualquer má interpretação que entenda o chamado código de santidade: “sede santos porque eu, o Senhor, sou santo”, como ato separatista e discriminatório¹⁰².

Para acolher necessita-se de compaixão. Jesus não nega a santidade de Deus, mas o que qualifica essa santidade não é a separação do impuro, e sim seu amor compassivo. A compaixão é o modo de ser de Deus. Ele é compaixão e amor entranhado a todos. A compaixão é para Jesus a maneira de imitar a Deus e ser santo como Ele. E absolutamente nada detém Jesus quando se trata de aproximar-se daquele que sofre. Sua atuação, inspirada pela compaixão, é um desafio direto ao sistema de pureza – o santo não precisa ser protegido por uma estratégia de separação para evitar a contaminação; pelo contrário, é o verdadeiramente santo que

¹⁰¹ FRANCISCO, Papa. Discurso proferido na audiência geral da Semana de Oração pela unidade dos cristãos. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/papa-audiencia-geral-hospitalidade-ecumenica-ouvir-outros.html>. Acesso em 17 jul. 2020.

¹⁰² PAGOLA, J. A. Jesus, p. 237-239.

transmite pureza e transforma o impuro. Jesus toca o leproso e não é Jesus que fica impuro, mas o leproso é que fica limpo. Isso antes de qualquer coisa é acolhimento¹⁰³.

Proteger, por sua vez, significa assegurar a defesa dos direitos e da dignidade dos migrantes e refugiados, independentemente da sua situação migratória. Como bem observou o Papa sobre a necessidade de se atentar de maneira particular aos migrantes em situação de grande vulnerabilidade, aos numerosos menores não acompanhados e às mulheres¹⁰⁴. Ou seja, ter um olhar não excludente, porém de intencionalidade mais atenciosa sim sobre os que mais necessitam da acolhida desse amor cristão. Assim estamos afirmando o desejo de que a espiritualidade do cuidado seja prática, porque não temos como tratar de proteção teórica ou de um discurso de amor que pratique, porém, o ódio.

Poderia um pai ou uma mãe abandonar o seu filho ao invés de protegê-lo? São atitudes possíveis sim, por mais difícil que seja concordar com isso e independente da situação prévia, das análises particulares que certamente cada caso merece com devida atenção e dignidade. Todavia, assim como a célebre passagem do profeta messiânico (Is 49,15), mesmo que esse abandono mais íntimo e sofrido, que deixa tantas marcas e profundas cicatrizes possa ocorrer, o Senhor que acolhe protegendo alcança os mais desprotegidos com seu amor insondável. Como e onde isso pode se tornar prático? De que forma podemos ser partícipes de todo esse movimento do amor impulsionado por apaixonados discursos do Papa? Não nos conformando com este mundo (Rm 12,2), mas transformando nossas atitudes e nosso ambiente de vivência e fala com uma espiritualidade do cuidado genuíno e prático.

Por sua vez, promover significa assegurar a todos, sejam migrantes ou residentes, a possibilidade de encontrar um ambiente seguro onde possa ocorrer a realização integral do ser. Aqui somos levados à lembrança justamente dessa percepção da integralidade do ser, o que deveria nos impulsionar a perceber que certa “promoção” começa pelo reconhecimento de que ninguém é um descarte humano, mas é portador duma riqueza pessoal, cultural e profissional que pode trazer muito valor ao local onde está. Essa estima do ser como personalidade

¹⁰³ PAGOLA, J. A. Jesus, p. 237-239.

¹⁰⁴ FRANCISCO, Papa. Texto integral do discurso aos migrantes em Marrocos. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/papa-francisco-discurso-viagem-marrocos-papmar0.html>. Acesso em 01 nov. 2020.

valorada pelo amor dispensado por Deus ainda em seu ato criativo original, é que deve servir de base e estímulo para todo esse amor e cuidado em busca de segurança, para todo aquele que se entender perdido e distante de um ambiente que ele seguramente possa vir a chamar de lar.

Promover pessoas é muito mais do que dar uma oportunidade para que ela tenha uma quantidade mínima de refeições ao dia, embora isso seja primordial. Não deve ser, contudo, entendido como resultado final de algum tipo de terapia espiritual onde o ofertante transpareça a ideia de que esteja tão somente cumprindo uma tarefa quase que ascética para sua própria satisfação de consciência ou ainda como apenas um conceito jactante de que fez algo por alguém. Mas se a espiritualidade cristã está imersa na religião verdadeira enquanto virtude para o cuidado (Tiago já citado), promover deve ser visto como fazer com que aquele que hoje está precisando atinja a condição de ser aquele que ajude. É ser como um “Barnabé”¹⁰⁵ para um Paulo completamente desprezado por muitos, até o momento em que ele deixará de ser tão somente um acompanhante para quem sabe ser o maior de todos os missionários apóstolos. Como dirá muito bem o Papa Francisco:

Voltemos a promover o bem, para nós mesmos e para toda a humanidade, e assim caminharemos juntos para um crescimento genuíno e integral. Cada sociedade precisa de garantir a transmissão dos valores; caso contrário, transmitem-se o egoísmo, a violência, a corrupção nas suas diversas formas, a indiferença e, em última análise, uma vida fechada a toda a transcendência e enrincheirada nos interesses individuais.¹⁰⁶

A espiritualidade do cuidado, como genuinamente cristã, invoca exatamente essa promoção de fazer com que discípulos sejam melhores que seus “mestres”, que façam verdadeiramente obras maiores; que obtenham oportunidades não de devolver todo amor recebido, pois perderia todo o sentido do amor gracioso da espiritualidade, que ama olhando a quem nos olhos, independente de uma análise prévia que busque determinar quem mereça ser

¹⁰⁵ “Barnabé” é mencionado aqui como referência àquele que acompanhou Paulo (ainda Saulo) no início de sua caminhada missionária, servindo de apoio até o mesmo despontar como um dos principais personagens do Novo Testamento (At 11-15).

¹⁰⁶ FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Fratelli Tutti* do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. n. 113. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em 19 dez. 2020.

cuidado ou não. É cristã a espiritualidade que não se coloca como detentora do direito em determinar quem deveria ou não ser alcançado por esse cuidado, e assim ser verdadeiramente chamado de filho de Deus.

Por fim, integrar significa empenhar-se num processo de valorização. Ou seja, requer esforço necessário não apenas para o impulso inicial da saída da zona de conforto religioso, mas certa constância uma vez que é processual, valorizando de forma concomitante não apenas o patrimônio cultural da comunidade que acolhe, como também o patrimônio dos migrantes, construindo assim uma sociedade intercultural e aberta. Desta forma, o ato de integrar requer não se deixar condicionar pelo medo e pela ignorância, não tomando à forma do mundo que se embriaga cada vez mais de afastamento e esfriamento do amor, mas que busque a valorização da vida. Isso é prática de espiritualidade não apenas do cuidado, mas do real acolhimento e promotora do verdadeiro diálogo, que não despreza as diferenças, mas que valoriza justamente as riquezas das diversidades.

Com efeito, todo o ser humano tem direito a essa vida em abundância do Evangelho de Cristo. Todo o ser humano tem o direito de ter sonhos e poder encontrar o seu justo lugar na nossa “casa comum”! Toda pessoa tem direito ao futuro. E que se torne verdade a benção papal ao final de seu discurso, fazendo com que “o Senhor, que durante a sua vida terrena viveu na própria carne a angústia do exílio, abençoe a cada um de vós, vos dê a força necessária para não desanimardes e para serdes uns para com os outros, ‘porto seguro’ de acolhimento”¹⁰⁷.

¹⁰⁷ FRANCISCO, Papa. Viagem apostólica do Papa Francisco ao Marrocos. Março de 2019. Encontro com os migrantes. Discurso do Santo Padre. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papafrancesco_2019_0330_migranti-marocco.html. Acesso em 14 set. 2020.

5. Espiritualidade na Pandemia

Como tratar de um tema tão especial como a espiritualidade cristã em sua especificidade dialogal e prática e não comentar nada sobre a catástrofe mundial da pandemia da Covid-19? Realidade que ainda se tenta compreender, enfrentar, sobreviver e acima de tudo assimilar como tudo isso influenciou não apenas a pesquisa aqui realizada, mas, principalmente, como a chamada experiência religiosa foi impactada, relida, reconfigurada, reinterpretada.

Na atualidade, diante da pandemia, a espiritualidade aponta para o sentido da verdadeira esperança, o poder da resiliência, a reflexão sobre o processamento da notícia de testagem positiva e a disposição dos meios internos para esse enfrentamento. Está-se diante de uma prova genuína a todas as relações interpessoais, no reduto dos lares, no reconhecer do quanto o ser humano é frágil e de toda vulnerabilidade individual e coletiva¹⁰⁸.

Aqui no Brasil, a Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), o Instituto de Psiquiatria (IPq) da USP, por meio do Programa de Saúde, Espiritualidade e Religiosidade (Proser), e a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (Nupes), têm investigado o quanto a espiritualidade (não necessariamente a religiosidade) do paciente auxilia na cura de doenças físicas e psíquicas – que podem ser agravadas a partir de sentimentos ruins e pensamentos destrutivos¹⁰⁹.

É interessante perceber como a temática da espiritualidade gravita também o ambiente científico sem predefinições estigmatizadas, diferenciando-a da religiosidade e enxergando nela capacidade de “cura” integral, o que traduz justamente essa imagem também integral do ser humano.

Nos Estados Unidos, por exemplo, grandes instituições de ensino como a Escola de Medicina de Stanford, as Universidades Duke, a da Flórida, a do Texas e Columbia mantêm centros de estudos exclusivos sobre a influência da espiritualidade no auxílio na cura de doenças em geral, assim como a Universidade de Munique, na Alemanha, a de Calgary, no Canadá, e o *Royal*

¹⁰⁸ TAVARES, C. Q. Dimensões do cuidado na perspectiva da espiritualidade durante a pandemia pelo novo coronavírus (Covid-19), p. 1-4.

¹⁰⁹ MADUREIRA, D. Cientistas investigam como espiritualidade pode ajudar a saúde do corpo. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56655826>. Acesso em 08 jun. 2021.

College of Psychiatrists, no Reino Unido. E a incrível conclusão destes centros de pesquisa é a de que há um conjunto de evidências que indicam que diversas expressões da espiritualidade têm impacto significativo na saúde e no bem-estar, associadas a menores níveis de mortalidade, depressão, suicídio, uso de drogas, ou mesmo internações e medicamentos. E essa espiritualidade estaria ligada justamente à busca pessoal de um propósito de vida e de uma transcendência, envolvendo também as relações com a família, a sociedade e o ambiente¹¹⁰.

A observação requerida aqui é tanto a da compreensão da chamada vivência e prática da fé na pandemia como também pelo caminho oposto no sentido de como a práxis religiosa foi provocada pela pandemia. Ou seja, de um lado como foi evidenciada a espiritualidade cristã em tempos tão exigentes, dolorosos e inconsoláveis para muitos, ao mesmo tempo também em como esta mesma situação pandêmica, até então inimaginável, fez com que pessoas que até então simplesmente achavam sobreviver independentes passaram a buscar um caminho de sentido espiritual prático e dialogal para sua vida.

As inquietações e receios em torno da pandemia suscitaram reações das mais diversas ao redor do mundo. Entre elas, destacamos o reforço de diferentes formas de espiritualidade, religiosas ou não, para o enfrentamento das questões relativas à morte, à fragilidade física e emocional e ao isolamento social¹¹¹.

“Inquietações” e “enfrentamento” são importantes expressões a se extraírem da introdução da bela reflexão em forma de artigo de Cláudio Ribeiro¹¹² sobre a temática da espiritualidade na pandemia. Isso porque essa inquietude que nos desassossega gerada pela pandemia, que nos impede o repouso, a paz, tirou a muitos de uma perigosa zona de conforto quando o tema se trata de uma espiritualidade cristã e implicitamente voltada para se ver o outro como próximo. Já o enfrentamento é justamente a conclusão levada a termo quando não nos conformamos com o *status quo* desse mundo perverso e buscamos transformá-lo justamente pela renovação do nosso entendimento agraciado pelo amor de Cristo

¹¹⁰ MADUREIRA, D. Cientistas investigam como espiritualidade pode ajudar a saúde do corpo. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56655826>. Acesso em 08 jun. 2021.

¹¹¹ RIBEIRO, C. O. Alteridade, espiritualidade e pandemia. Caminhos de diálogo. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/view/27475>. Acesso em 14 abr. 2021.

¹¹² Cláudio de Oliveira Ribeiro é pastor metodista e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. É assessor das Comunidades Eclesiais de Base e de grupos ecumênicos.

e, principalmente, em tempo em que até então temas que ficavam restritos a ambientes pontuais passaram a se tornar latentes, com a morte batendo a porta todos os dias, e toda nossa suposta coragem sendo verdadeiramente desmascarada.

Em geral, alguns temas principais gravitaram o cenário dos chamados debates e argumentos religiosos proporcionais à velocidade com que a pandemia foi se alastrando Brasil a fora. E eles poderiam ser enquadrados, ainda que não exaustivamente, numa listagem como sendo ou de um teor mais obscurantista, oculto e misterioso, ou por um lado mais centrado numa busca por compreensões mais estruturadas e fundamentadas. A maneira correta de como se entender, ler, interpretar e até mesmo tentar “traduzir” a pandemia pela ótica da espiritualidade, foi e continua sendo uma pergunta feita por muitos.

Tanto as formas mais espontâneas de espiritualidade, quanto às expressões religiosas mais tradicionais ou institucionalizadas estão presentes no debate acerca da pandemia e do isolamento social. Ambas têm marcado a vida de muitas pessoas e grupos e têm estado presentes, de diferentes maneiras, em cada situação enfrentada. As formas de expressão dessas espiritualidades são muito diferenciadas. Um primeiro conjunto delas, embora com variações, é articulado por elementos ideológicos. Uma de suas expressões se caracteriza, seguindo visões emergentes na sociedade no campo político, pela negação da dramaticidade da pandemia. Outra expressão atribui a disseminação da doença à ira e ao castigo de Deus pelos pecados humanos, especialmente os associados à liberdade sexual e ao uso do humor ou relativização dos valores religiosos tradicionais. Outra expressão, também relacionada às ideologias obscurantistas, atribui à pandemia supostos interesses comunistas para afrontar a fé cristã. Nesse sentido, é preciso analisar a constante necessidade de se apontar inimigos, reais ou imaginários, que ameaçam a fé, algo sempre presente nas interpretações religiosas de caráter mais fundamentalista. Apontar inimigos de forma constante se faz necessário para a sustentação e manutenção dos discursos violentos, dos sentimentos de rivalidade e mesmo de exclusividade da fé e da razão.¹¹³

No campo ideológico dos chamados debates espirituais em meio à pandemia vimos emergir o chamado negacionismo. Ser espiritual ou manifestar a espiritualidade cristã como a fé no Deus das Sagradas Escrituras, para muitos deveria resultar na certeza de que a Covid-19 não atingiria ninguém que fosse “crente” o suficiente. Como que numa ignorante e exacerbada exegese sobre o castigo que nos traz a paz do clássico texto messiânico de Isaías (53,5), essa suposta manifestação de espiritualidade (para muitos defendida como cristã)

¹¹³ RIBEIRO, C. O. Alteridade, espiritualidade e pandemia. Caminhos de diálogo. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/view/27475>. Acesso em 14 de abril de 2021.

defendia a ideologia de simplesmente ignorar qualquer ferramenta científica, qualquer orientação médica e atitudes prudentes quanto aos cuidados de higiene e isolamento.

No outro extremo do negacionismo, encontravam-se, e porque não dizer se encontram, ainda aqueles que veem na pandemia a manifestação da ira de Deus. Em suas perspectivas espirituais enxergam a Covid-19 como mais uma praga bíblica resultante da poderosa mão de Deus.

Uma terceira linha fortemente atacada por discursos religiosos tende a apontar como um forte inimigo cristão o comunismo. A discussão xenofóbica que passou a chamar o vírus de “chinês” interpretava a pandemia como interesses comunistas com objetivo de afrontar a então fé cristã. Essa estranha necessidade de se apontar inimigos sempre habitou a mentalidade de muitos participantes de movimentos supostamente religiosos e extremamente fundamentalistas; como que numa denominada espiritualidade do conflito, mas não aquela que busca a pacificação e sim a que procura mesmo o ambiente de batalha constante.

E assim, como que levados por esse suposto rigor religioso que na prática só destila ódio, o outro passa a jamais ser visto como próximo, mas sempre como diferente e distante. Discursos do terror são então proferidos, a rivalidade tem seu lugar e muros da discórdia são erigidos ao invés das pontes do diálogo. Caminhos onde se busca a detenção da exclusividade da fé, como que *royalties* disponíveis apenas a alguns poucos chamados aptos espirituais.

A pandemia também revelou, ou pode-se dizer, aflorou certa espiritualidade de caráter mais intimista, focada na chamada vida devocional, às orações e na meditação como caminho de equilíbrio interior, considerando os tempos atuais difíceis, de incertezas e inseguranças. Importante que se evidencie a questão do “aflorar” porque para muitos a chamada vida devocional de uma espiritualidade contemplativa sempre foi uma realidade e, portanto, não deve ser estigmatizada ou analisada de forma pejorativa como um escapismo oportunista em tempos pandêmicos “nunca” presenciados.

Não se adentrará aqui na análise de mérito para se verificar a eficácia desse “movimento” mais intimista – não se trata do objeto da pesquisa – mas apenas observa-se que não são experiências necessariamente anticientíficas ou criticistas a todo aparato científico-médico, mas como as mídias seculares divulgaram intensamente, essas expressões de espiritualidade se demonstram

como abordagens religiosas marcadas pela busca de superação (ou em alguns casos, fuga) dos próprios limites e angústias, tendo ou não uma forte análise crítica requerida para o enfrentamento das chamadas situações de crise¹¹⁴.

O próximo tópico abordará uma importante certeza escancarada mais ainda pela pandemia: a de que uma espiritualidade cristã precisa olhar o homem como ser integral e, assim o fazendo, precisa lhe ofertar caminhos de vida e resgate de sua identidade através de ações práticas que pelo menos minimizem o sofrimento físico, emocional, social e espiritual.

5.1.

Espiritualidade na Pandemia – fome e sede de justiça integral

É no mínimo intrigante perceber o grande paradoxo que é tratar do Reino de Deus e de qualquer análise acadêmica que busque se debruçar sobre teorias de uma espiritualidade cristã prática e que não tenha como ambiente de fala o mundo em que vivemos hoje enquanto muitos tentam simplesmente sobreviver.

Geralmente as falas sobre prática da espiritualidade cristã se restringem a uma forma de experimentar o sagrado, ou no caso, o Deus cristão de maneira que seja algo literalmente “sentido” como real e que tenha como significância e resultado o amor que reflita no próximo. Todavia, dificilmente se viu tamanha provação sobre a real preocupação cristã em amar ao próximo como a si mesmo.

Entre os limites das salas de aula onde se reflete sobre espiritualidade cristã e das bibliografias sobre o tema, a pandemia escancarou a verdade dos novos ocupantes das ruas e semáforos cada vez mais lotados. São rostos que ocupam o que outrora era tão somente povoado dos chamados invisíveis, mas que agora também estão sem sorriso, não apenas pela fome que os alcança, mas pelas máscaras, muitas delas improvisadas, impedindo, inclusive, que os seres humanos se enxerguem como semelhantes à imagem do próprio Deus.

Se a pandemia forçou novas buscas sobre a espiritualidade ou sobre caminhos para se buscar realizações de felicidade, descobertas de paz e conforto, ao mesmo tempo em que obrigou muitos detentores da fala da espiritualidade a se

¹¹⁴ RIBEIRO, C. O. Alteridade, espiritualidade e pandemia. Caminhos de diálogo. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/view/27475>. Acesso em 14 abr. 2021.

reinventarem para que não caíssem no erro de continuarem como arautos de um reino vazio respondendo a perguntas não mais feitas, fez também com que algumas carências que sempre foram reais e extremamente urgentes ficassem cada vez mais escancaradas à vista de todos os que ousassem não praticar a indiferença.

No final da década de 1980, precisamente em novembro de 1987, no decorrer do primeiro governo civil após vinte um anos de ditadura militar no Brasil, Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, então integrantes da famosa banda de rock brasileiro chamada *Titãs*, lançaram a música intitulada “Comida”.

*Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?
A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte [...]
A gente quer saída
Para qualquer parte [...]
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer [...]
A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...*¹¹⁵

A pandemia atual que aparentemente insiste em querer não nos deixar, traz à tona o que a verdadeira espiritualidade cristã deve abranger enquanto enxerga o homem dentro de sua integralidade. O que queremos senão mais do que tão somente suprir nossas necessidades básicas? Como nas famosas bem-aventuranças, é necessário lembrar que felizes são aqueles que têm fome e sede de

¹¹⁵ “Comida”. Letra e música de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto. Álbum “Jesus não tem dentes no país dos banguelas”. Rio de Janeiro, 1987.

justiça (Mt 5,6), mas não porque essa é uma ideologia elogiosa, e sim porque eles serão saciados!

Uma das coisas que a pandemia deixou mais explícita é que uma notável maioria da sociedade se interessa mais com a “diversão” do que com a “crença”. Quando o povo diz que, devido ao vírus, ficamos sem Natal, sem Festa de Reis, sem Quaresma, sem Semana Santa etc. o que menos importa à maioria do povo é recordar como Jesus nasceu, como morreu em sua Paixão e sua Cruz, etc. O que importa à maioria dos cidadãos é que ficamos sem viagem, sem praia, sem festa. Ou seja, o que interessa é a “diversão”, não precisamente a “devoção”. O que é perfeitamente compreensível. Porque são milhares e milhares de cidadãos que vivem do turismo, hotéis, agências de viagens [...] a economia se destrói. E com a economia, nos destruimos todos¹¹⁶.

Então se deve estar atento para que a espiritualidade cristã seja de fato a do cuidado, a da acolhida, a do amor prático, aquela que sara e acalenta a alma, mas que não se esquece do corpo. Afinal de contas, de que todos verdadeiramente têm sede e fome? As pessoas querem e precisam de alívio da dor, de felicidade, de comida e bebida sim, mas de diversão e arte; elas precisam de saída e isso significa direção, de alguém que as mostre possibilidades de caminho, não as coagindo como gado, mas as respeitando como partícipes do Reino de Deus. Reino esse que obviamente não deve se preocupar com discussões inúteis ou supérfluas sobre sacralidade no alimento, enquanto outros nem sequer têm o que comer; é assim que a espiritualidade cristã precisa ser dialogal e manifestar justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14,17).

A excelente reportagem de Maurício Businari para o portal UOL Economia¹¹⁷ sobre o triste e forçado regresso de famílias da Baixada Santista que após muita luta, esforço e melhora de vida tiveram que voltar para as condições precárias de uma favela, conduz mais uma vez à lembrança do discurso papal sobre os migrantes também forçados. Se esses eram em sua maioria refugiados marginalizados pelas inúmeras guerras e agora abruptamente mais agredidos ainda pela perversa pandemia, aqueles são brasileiros tomados de assalto por uma pandemia que vem destruindo não apenas economias, mas sonhos e famílias

¹¹⁶ CASTILLO, Jesus suporta o erro. O que Ele não suporta é o sofrimento. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606865-jesus-suporta-o-erro-o-que-ele-nao-suporta-e-o-sofrimento-artigo-de-jose-m-castillo>. Acesso em março de 2021.

¹¹⁷ BUSINARI, Maurício. Triste regresso. Famílias da Baixada Santista perdem renda na pandemia e voltam a morar em favelas anos após conseguir sair. UOL Economia. Disponível em <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/crise-pandemia-favelas-baixada-santista/>. Acesso em 29 mai. 2021.

inteiras. Numa coletânea de impactantes entrevistas, a reportagem citada transporta o leitor para a reflexão sobre o “limite” de até onde tem sentido uma suposta espiritualidade que não oferte consolo prático, que não estenda a mão e realmente apascente as ovelhas de Jesus, muitas delas famintas por justiça e paz, sim, mas por um prato de arroz e feijão também. Como contou a dona de casa Karina Lima de 34 anos, na referida reportagem de Maurício Businari:

No decorrer da pandemia passou até mesmo a trabalhar como diarista, mas quando as faxinas minguaram, em maio de 2020, ela voltou ao dique com os filhos, levando só uma cama, para morar em um cômodo. Para acomodar os filhos, construiu um beliche improvisado. No Réveillon diz ela, não tinha o que dar aos filhos. Deu um pão de forma embolorado, que tinha guardado do natal, e foram parar no pronto socorro. Passou meses chorando. Dói ver meus filhos nessa situação. Mas não perco o otimismo. E então ela conclui cheia de fé: se Deus me ajudar, vou conseguir construir um cantinho para mim e os meus filhos.

A “ajuda de Deus” para a Kátia e seus filhos precisa estar na resposta prática de uma espiritualidade que busque acolher quem mais precisa. Não se trata aqui da utopia da resolução mundial dos problemas, mas também não se pode incorrer na falácia da fuga da responsabilidade, como se isso fosse um “problema de saúde pública”, como que se estivéssemos falando, a dor desse outro não pode cair na minha “conta”, eu não posso ser responsável por este próximo que não tem o que comer, nem beber. O que deveria nos intrigar é ainda assim essa fé para prospectar com expectativa e esperança a dependência da ajuda de Deus.

Frases como “não vamos mais conseguir sair daqui (da favela)”, “quando o governo cortou o auxílio não tinha dinheiro para mais nada” e “teve dias em que não tivemos o que comer” continuam a compor a reportagem atualíssima sobre ecos de histórias cada vez mais dramáticas, porém reais e próximas. Dificilmente alguém está passando ileso por esse período tão sombrio. Independentemente de qualquer instituto de pesquisas, é quase que impossível alguém não conhecer ou citar um vizinho, parente, amigo, colega de trabalho que seja que não tenha sido acometido pelo vírus ou até mesmo morrido.

Na senda desses que sofrem, observa-se a carência de uma espiritualidade de resistência, não no sentido de oposição por oposição como que sendo simplesmente contrário a tudo que existe pelo prazer de se opor. Mas resistindo a todo sentimento de desistência e de cansaço que possa fazer querer parar e não

mais cuidar, acolher, evangelizar no sentido mais lato do termo enquanto anunciante práticos de uma nova que precisa continuar sendo boa e eficaz.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados (Mt 5,6) é um louvor interiormente semelhante à palavra sobre os que choram e que serão consolados: como ali hão de receber a promessa aqueles que não se dobram ao que ditam as opiniões e os hábitos dominantes, mas os que no sofrimento lhe oferecem resistência, do mesmo modo também aqui se trata de homens que mantêm o olhar atento à procura do que é maior, da verdadeira justiça, do verdadeiro bem. Uma palavra que se encontra no livro de Daniel tornou-se para a tradição a síntese da atitude do que aqui se trata. Daniel é descrito lá como *vir desideriorum*: homem do desejo (Dn 9,23). O olhar volta-se para os homens que não se contentam com o que está disponível e que não sufocam a inquietação do coração, a qual chama a atenção do homem para algo maior, de tal modo que ele interiormente se põe a caminho, por assim dizer, como os sábios do Oriente, que procuram Jesus, a estrela que mostra o caminho para a verdade, para o amor, para Deus¹¹⁸.

¹¹⁸ RATZINGER, J. Jesus de Nazaré, p. 92.

5.2.

A espiritualidade cristã como caminho coerente, principalmente em tempos de desespero

Coerência é uma virtude que pode ser compreendida como uma relação lógica não contraditória e assim harmônica entre alguns conceitos. Quando então compreendemos a necessidade de a espiritualidade cristã se apresentar como um caminho coerente em tempos tão difíceis, não é que ela só precise fazê-lo agora – não. Mas que nesses momentos certamente toda sua cadeia conceitual será mais fortemente testada e colocada à prova, pois o vírus que mata é também o que oportuniza a prática da espiritualidade cristã.

A COVID-19 permitiu-nos pôr à prova o egoísmo e a concorrência, e a resposta está em: se continuarmos a aceitar e a exigir uma concorrência implacável entre interesses, empresariais e nacionais onde os perdedores são destruídos, então, no final, também os vencedores acabarão por perder juntamente com os restantes, porque este modelo é insustentável em todas as escalas: desde o vírus microscópico às correntes oceânicas, à atmosfera mundial e às reservas de água doce. Uma nova era de solidariedade teria todos os seres humanos no mesmo plano de dignidade, cada um assumindo a sua responsabilidade e contribuindo para que todos, a si próprio e aos outros e às gerações futuras, pudessem prosperar. Junto com a visão, empenho e ação, o Papa Francisco demonstrou como a oração é fundamental para reorientar o nosso olhar na esperança, especialmente quando a esperança se torna tênue e luta para sobreviver. “Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de todos! A oração e o serviço silencioso: são as nossas armas vencedoras”¹¹⁹.

Como cristã, essa prática do cuidado e do acolhimento que se baseia no amor encarnado da entrega do próprio Cristo, não pode, por exemplo, ofertar como solução ou estratégia algo que fuja a essa compreensão de amparo, ainda mais nesses tempos de pandemia, como se pudéssemos ter da nossa mesma fonte águas amargas e doces. Não se pode pregar o zelo pela vida e caminhar por caminhos que nos levem à morte. Até porque a espiritualidade cristã tem em Jesus aquele que se identifica com Deus (que é amor). Com o Deus que viu o sofrimento dos oprimidos. E veio a este mundo nos libertar¹²⁰.

¹¹⁹ FRANCISCO, Papa. A vida após a pandemia, p. 15.

¹²⁰ CASTILLO, J. M. Jesus suporta o erro. O que Ele não suporta é o sofrimento. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606865-jesus-suporta-o-erro-o-que-ele-nao-suporta-e-o-sofrimento-artigo-de-jose-m-castillo>. Acesso em 12 mar. 2021.

Nossas perguntas e respostas ditas religiosas precisam ser coerentes e éticas. Nesses tempos de pandemia então, coerentes com os princípios de realidade oferecidos pelas ciências e éticas por colocar a vida como valor anterior a qualquer outro. O que fugir desse parâmetro contribuirá com o reforço da ingenuidade e do fanatismo. A leitura econômica atravessou todas as outras, como chave fundamental de solução e, muitas vezes, como critério principal para decidir sobre as estratégias de contenção do contágio. E não faltou quem tenha afirmado de modo explícito ou disfarçado que a salvação da economia era mais importante do que a preservação das vidas¹²¹.

A pertinente reflexão de João Décio Passos traduz de forma precisa o sentimento que a espiritualidade cristã do cuidado, dessa prática dialogal tão conjecturada e abordada, necessita. Isso porque um dos tantos questionamentos que se ergueram em meio a esse caos mundial foi o debate do isolamento x economia. Ou seja, de um lado os extremistas defensores de que o isolamento total nos levaria a outro tipo de morte, a econômica, que por sua vez a médio ou mesmo curtíssimo prazo levaria todo um país ao declínio. Por outro, aqueles que viam no isolamento a única possibilidade real inicial de tentar conter o que hoje vemos e que infelizmente não foi contida: a proliferação do vírus e de tantas variantes do mesmo.

A questão toda aqui não está em quem tem ou tinha a razão. Mas nos argumentos que se utilizavam para, por fim, defenderem um capitalismo selvagem em detrimento das vidas. A economia se evidenciou como mais importante do que a vida, pelo menos a vida de alguns. Isso mesmo, porque de forma prática quem tinha condições financeiras de ficar em casa sem perder seu patamar ou pelo menos parte dele, tinha coerência em defender esse discurso. Vemos aqui mais uma vez a problemática do famoso lugar de fala. Já para a maioria dos chamados menos favorecidos, o que se viu foi a escolha entre continuar enfrentando transportes que sempre foram desumanos (e agora eram transmissores em potencial do vírus) ou perder os empregos tão escassos. Portanto, na coerência do discurso espiritual cristão, não pode existir a demagogia do amor não prático e não sincero, nem também destilar a hipocrisia simplória de que tudo vai ficar bem. É um elevar dos olhos para os céus, mas que produza socorro e resgate para aqueles que estão na terra.

¹²¹ PASSOS, João D. (Org.). A pandemia do coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos? p. 18.

Nesses tempos desafiadores onde ninguém desejou viver, embora muitos lucrem com ele, surge a necessidade de respostas, não por que exigem isso de outrem, ou porque os cristãos se colocam como detentores da verdade, mas porque constrangidos pelo amor do Cristo que por fé se experimenta, são levados à prática dessa espiritualidade que não aceita se esconder em meio ao sofrimento alheio, como por exemplo na atitude do “Bom Samaritano” que

é atingido nas suas “entranhas”, na sua alma, ao ver o homem quase morto. Tomado de compaixão, como traduzimos hoje atenuando assim a originária vitalidade do texto. Por meio da luz fulminante da misericórdia que alcança a sua alma, torna-se ele mesmo próximo, para além das perguntas e dos perigos.

Neste ponto, a questão vai à outra direção: já não se trata de saber quem é o meu próximo ou não. Trata-se de mim mesmo. Eu tenho de me tornar próximo, porque o outro conta comigo “como eu mesmo” [...] Eu devo ser alguém que ama, alguém cujo coração está aberto à comoção perante a necessidade do outro. Então eu encontro o meu próximo, ou melhor, serei encontrado por ele¹²².

Essa compaixão que invade as entranhas gerando em nós misericórdia precisa fazer parte da agenda da espiritualidade cristã. Devemos ser pessoas que não tenham como prioridade o apontamento dos culpados, mas sim em nos permitir sermos partícipes do milagre do amor que Deus sempre quer realizar na comunhão de seus filhos, para que consigamos então apresentar uma esperança como um caminho coerente para vencer o medo real dessa pandemia.

Teólogas e teólogos têm alertado há muito tempo sobre os gemidos da terra explorada. Alertam que os seres humanos, apesar de serem portadores de um chamado divino para cuidarem e guardarem o Éden, símbolo maior da integridade da criação de Deus, desprezaram e negligenciaram essa tarefa. Os homens se tornaram a própria ameaça da Terra, nossa Casa Comum, por meio da exploração abusiva dos seus recursos, do maltrato aos seres não humanos e do descaso com os seus iguais. Isso representou a consolidação de um modelo de vida baseado na cobiça, na competição e no consumo sem medida, no lucro gerador de injustiça e ausência de paz¹²³.

Se o ser humano se tornar o seu maior inimigo, precisará retomar o caminho de volta para casa, como o príncipe¹²⁴ que se lembrando do Pai bondoso

¹²² RATZINGER, J. Jesus de Nazaré, p. 176.

¹²³ CUNHA, Magali. Diálogos da fé. Nem ‘obra de Satanás’ nem ‘castigo de Deus’: a pandemia é oportunidade - Que utilizemos o coronavírus como reflexão sobre os danos que nós, como humanos, estamos causando à Terra. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/nem-obra-de-satanas-nem-castigo-de-deus-a-pandemia-e-oportunidade/>. Acesso em 28 mai. 2021.

¹²⁴ Lc 15,11-32

e “caindo em si” luta para sair do lamaçal que ele mesmo entrou. Ter a consciência de quem é e do que está sendo feito em meio a todo esse processo pandêmico é de fundamental importância não apenas para a sobrevivência atual, mas para a permanência futura.

O que estamos vivendo não é, portanto, uma obra sobrenatural de Satanás ou castigo de Deus, como alguns religiosos querem fazer crer, mas uma ação maligna (por que não satânica?) dos nossos iguais que promovem domínio em vez de cuidado, exploração em vez de preservação. Por isso, este precisa ser um tempo de oportunidade, de redenção e esperança.

Oportunidade de se pensar num mundo organizado em torno do cuidado, não centrado nos humanos, mas que busque a harmonia de todos os seres que habitam a mesma Terra, Casa Comum. Oportunidade de se retomar a dimensão da coletividade e do cuidado de uns com os outros se superando o individualismo e o egoísmo de uma sociedade centrada na competição e no lucro¹²⁵.

Muitos certamente concordariam que não precisaríamos de uma pandemia tão mortal como a atual para se pensar o mundo que vivemos como local de acolhimento pautado no cuidado e na harmonia. Entretanto,

a crise do coronavírus nos surpreendeu como uma tempestade que cai de repente, mudando drasticamente nossa vida pessoal, familiar, social e nosso trabalho. Muitos têm tido que lamentar a morte de familiares e amigos queridos. Muitas pessoas estão enfrentando fortes dificuldades econômicas, enquanto outras perderam seus empregos.

Esta situação dramática tem evidenciado a vulnerabilidade, finitude e contingência que nos caracterizam como humanos, levantando questionamentos sobre muitas certezas que embasavam nossos planos e projetos do dia a dia. A pandemia levanta questões fundamentais para nós, concernentes à felicidade de nossas vidas e à proteção de nossa fé cristã.

A crise é um sinal de alerta, que nos faz considerar com cautela onde estão as raízes mais profundas que nos sustentam no meio das tempestades. Isso nos lembra de que esquecemos e adiamos algumas das coisas mais importantes da vida e nos faz imaginar o que é realmente necessário e o que tem apenas menor importância ou é supérfluo. É um tempo de prova e decisão para reorientar nossa vida em direção a Deus como nosso suporte e objetivo; mostrou-nos que, especialmente em situações emergenciais, dependemos da solidariedade de outras pessoas e nos convida a colocar nossas vidas a serviço dos outros de uma nova maneira. Deve nos conscientizar da injustiça global e nos despertar para ouvir o clamor dos pobres e do nosso planeta gravemente doentes¹²⁶.

¹²⁵ CUNHA, M. Diálogos da fé. Nem ‘obra de Satanás’ nem ‘castigo de Deus’: a pandemia é oportunidade - Que utilizemos o coronavírus como reflexão sobre os danos que nós, como humanos, estamos causando à Terra. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/nem-obra-de-satanas-nem-castigo-de-deus-a-pandemia-e-oportunidade/>. Acesso em 28 mai. 2021.

¹²⁶ KASPER, W.; AUGUSTIN, G. (ed.). Dios en la pandemia, p. 10.

Aprendemos com as palavras do Papa Francisco, ainda no começo dessa Pandemia, que estávamos diante de uma crise global sem precedentes na história recente. Fosse pelo alcance do vírus que não escolhe endereço, raça, credo ou saldo bancário; seja pelas drásticas e repentinas mudanças que passaram a afetar toda a dignidade humana. Dos que ficaram sem um prato de comida, aos que perderam seus irmãos e amigos sem nem terem tido a oportunidade de viver o luto, o que se vê é uma perda substancial e real que de alguma forma afetou a todos nós. É o escancarar de nossa vulnerabilidade e fragilidade, dos nossos projetos e planos e o decretar da falência de toda e qualquer imagem de controle humano sobre o mundo.

Mas qual deve ser a relevante mensagem cristã diante de tamanho sofrimento? Talvez precisemos reconsiderar, primeiramente para nós mesmos, alguns conceitos fundamentais, como ter a certeza de que onde está o nosso coração, aí estará a nossa riqueza real; e nos questionarmos onde está a base verdadeira de nossa fé que se diz cristã? O que realmente é imprescindível para nós? Estamos sendo ensinados a sobreviver nesse tempo de prova. Um tempo de reorientação de rota e vida com Deus, mas principalmente um tempo para aprendermos que somos completamente dependentes uns dos outros e por isso colocar nossas vidas a serviço (do outro) terá sempre sentido contra toda injustiça que opera e em casos assim só são evidenciadas.

As pessoas esperam em meio à pandemia que a religião entregue a segurança de que se necessita na certeza de que Deus não abandona seu povo. Como bem reflete Ivone Gebara¹²⁷:

Precisamos sentir e saber que o mesmo vírus nos habita de muitas formas, a mesma mortalidade nos espreita, a mesma fome e a mesma sede habitam nossos corpos, a mesma falta de ar nos desfalece e que é preciso abrir as mãos para que os corações se abram e deixem o Covid desaparecer. Talvez assim ele tenha cumprido sua missão, a missão de nos lembrar do que havíamos esquecido a de "ser irmanados/as" pela mesma vida e pela mesma morte. Não se foge a essa condição – esse é o segredo escondido em nós, gravado em todas as células de nosso ser, tatuagem perene e ao mesmo tempo provisória. É essa condição que nos identifica, que nos torna o que de fato somos: um caniço frágil que hoje respira e se move, mas que amanhã será estrume na renovação da terra/vida. Morte? Que esperança pode vir da morte quando o que queremos é fugir dela? Na realidade, precisamos estar integralmente e integralmente vivos para pensar sobre a morte. Não se pensa na morte quando se está morrendo cada dia de fome, sede

¹²⁷ Ivone Gebara é filósofa, teóloga e religiosa, pertencente à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, tendo lecionado por 17 anos no Instituto Teológico do Recife (ITeR).

ou de falta de habitação. Nessa situação já se vive o prenúncio e o anúncio cotidiano da morte. Porém, em vida há que pensar a morte na economia, na política, na ciência, na religião também como ameaças. E isto porque pensar na morte, é pensar na relatividade absoluta dos seres humanos e por isso mesmo na necessidade de respeito absoluto a todas as vidas hoje¹²⁸.

Ainda afetados pela crise pandêmica, pela intransigência das divergências sanitárias e científicas em meio às chamadas novas ondas que insistem em produzir novos assombros e assim dificultar um fim que parece displicentemente postergado, como que a prática pastoral pode apontar um caminho de anúncio de uma esperança pós-pandemia? Segundo Maria Clara Bingemer, podemos observar algumas pistas teológicas advindas do exercício de se sonhar com o futuro, que nos ajudam então a olhar para frente e, porque não, exercer a nossa espiritualidade cristã: retomar o luto com olhar pascal; apostar na arte e beleza; revalorizar o espaço doméstico; o cuidado da Terra e da Casa Comum; a *Fratelli Tutti* e uma parceria mais estreita com a Ciência:

A Igreja numa atitude silenciosa (mais ouvir do que falar) precisa ajudar as famílias que perderam entes, só no Brasil já somam mais de 473 mil mortos em decorrência da Covid-19 (dados de 06/06/2021 do Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde), a processarem o luto. A Igreja precisa escutar estas famílias que perderam seus entes queridos e, como agentes do consolo movidos pelo Espírito Santo, ouvir e rezar a sua dor. É necessário transformar a dor em redenção¹²⁹.

A verdade é que o caminho coerente da espiritualidade cristã passa por se entender como agência movida pelo Espírito Santo para, entre outras coisas, levar consolo aos milhões que buscam compreender a dor muitas das vezes incompreensível do luto. Transformar sofrimento em cura requer essa capacidade para primeiramente ouvir o que o outro tem a dizer, ainda que sem palavras.

Redescobrimos uma nova configuração para a Igreja que se deslocou a vivência da fé dos templos para as casas. É necessário ver esta realidade como uma oportunidade para pensar formas de pleno funcionamento da vida eclesial, o que remonta às próprias fontes e origens do cristianismo e começo da Igreja Católica. De casa, nos conectamos por meio da tecnologia; na casa, redescobrimos o espaço da família, da celebração da fé e a perseverança na fração do pão¹³⁰.

¹²⁸ GEBARA, I. Religião e a Pandemia Covid-19. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso em 09 abr. 2021.

¹²⁹ BINGEMER, M. C. L. seis pistas pastorais para evangelização na pós-pandemia. Disponível em <https://pascombrasil.org.br/maria-clara-bingemer-aponta-6-pistas-pastorais-para-a-evangelizacao-no-pos-pandemia/>. Acesso em 08 fev. 2021.

¹³⁰ BINGEMER, M. C. L. seis pistas pastorais para evangelização na pós-pandemia. Disponível em

Nessa nova configuração em meio ao total desespero da perda de comunhão presencial em algumas igrejas, somos conduzidos pela nova *Encíclica Fratelli Tutti* lançada pelo Papa Francisco e que é como uma bússola para os novos tempos. À luz do exemplo do Bom Samaritano, o Papa chamou-nos a atenção de que existe um ferido caído pelo caminho, na estrada e de que devemos deixar a ideia de sermos “sócios” para sermos irmãos. Entende ainda Bingemer que com a Encíclica o Papa também revisitou a opção pelos pobres que são os que mais sofreram as consequências da pandemia. A *Fratelli Tutti* defende uma solidariedade nova e a fraternidade humana como um projeto tão adiado e urgente¹³¹.

Sigamos tais conselhos como possibilidade para uma verdadeira espiritualidade do cuidado. Que venhamos então a nos sentirmos privilegiados de poder ajudar alguns a processar o luto, a redescobrir novas configurações para o futuro que nos espera, sendo poetas de Deus, celebrando a fé que une na perseverança do pão que aproxima e cria comunhão, ainda com a distância saudosista do abraço que por ora não pode ser dado. Que após mais de um ano longo e doloroso possamos como bons discípulos aprender com o que o Papa Francisco ensinava no agora longínquo 27 de março de 2020, enquanto conduzia o mundo em adoração:

Rezar significa escutar, para nos deixarmos perturbar pelo que estamos vivendo, para enfrentar o vento e o silêncio, a escuridão e a chuva, para deixarmos que as sirenes das ambulâncias nos perturbem; significa reconhecer que não somos autossuficientes e, portanto, confiar-nos em Deus; significa também contemplar o Corpo de Cristo para ser permeados pela sua maneira de fazer, dialogar com Ele para acolher, acompanhar e apoiar como Ele fez; rezar significa ainda aprender de Jesus a carregar a cruz e, juntamente com Ele, a assumir o sofrimento de muitos; é imitá-lo na nossa fragilidade para que, através da nossa fraqueza, a salvação entre no mundo; [...] A oração torna-se hoje o caminho para descobrir como se tornar discípulos e missionários, encarnando o amor incondicional em circunstâncias muito diversas para cada ser humano e cada criatura.

Este caminho pode conduzir-nos a uma visão diferente do mundo, das suas contradições e das suas possibilidades, pode ensinar-nos dia após dia como converter as nossas relações, os nossos estilos de vida, as nossas expectativas e as nossas políticas para o desenvolvimento humano integral e para a plenitude da vida. Portanto, a escuta, a contemplação, a oração são parte integrante da luta

<https://pascombrasil.org.br/maria-clara-bingemer-aponta-6-pistas-pastorais-para-a-evangelizacao-no-pos-pandemia/>. Acesso em 08 fev. 2021.

¹³¹ BINGEMER, M. C. L. seis pistas pastorais para evangelização na pós-pandemia. Disponível em <https://pascombrasil.org.br/maria-clara-bingemer-aponta-6-pistas-pastorais-para-a-evangelizacao-no-pos-pandemia/>. Acesso em 08 fev. 2021.

contra as desigualdades e as exclusões e a favor de alternativas que sustentem a vida¹³²

¹³² FRANCISCO, Papa. A vida após a pandemia, p. 16-17.

6. Conclusão

A relação entre Religião e Espiritualidade se apresentou desafiadora inicialmente pelas divergências conceituais que poderiam suscitar dúvidas. Evidenciado, porém, o caminho que seria trilhado e como os dois conceitos estariam sendo respeitados entre proximidades e distanciamentos, chegou-se ao resultado da percepção da espiritualidade como característica marcadamente experiencial com Cristo, tanto pessoal quanto coletiva, se distanciando das perspectivas religiosas caracterizadas no exposto pela chamada burocracia litúrgica, pelo emaranhado de regulamentos que prescrevem quem poderia estar apto ou não a vivenciar as “experiências do Espírito”.

O decorrer da pesquisa aqui apresentada trilhou esse caminho de diferenciar uma espiritualidade prática que enxergue a vida como vivida nesse mundo complexo e desigual, de um sistema de religiosidade que esteja mais preocupado com sua estrutura organizacional do que em cuidar de órfãos e viúvas, emblemáticos como carentes, mas não exaustivos numa lista que com a Covid-19 só se expandiu rápida e grosseiramente.

Com Castillo e sua ênfase na humanização de Deus se chega então à percepção de quão insatisfeito pode ser o ser humano no que tange à temática da espiritualidade, quando esta não se apresentar como adequada e resolutiva para os problemas cada vez mais hodiernos da humanidade. Embora isso possa refletir certo reducionismo conceitual da espiritualidade cristã, vista tão somente como mera realizadora dos desejos humanos, observa-se que alcançar o ser humano nessa sua Casa Comum com a alegria em meio a tantas e complexas dificuldades faz-se cumprir também os requisitos da Espiritualidade Cristã.

Percebe-se uma geração cada vez mais insatisfeita com tudo, seja pelo consumismo desenfreado, seja pela rapidez e rotatividade das informações, verdadeiras ou falsas; seja pela falta de respostas para questões que continuam afligindo o ser humano. E assim perde-se espaço certa religiosidade, restrita cada vez mais tão somente a espaços geográficos predeterminados e que se coloque como detentora única da verdade absoluta e como arauto exclusivo de Deus.

Contudo, no caminho da insatisfação há também uma espiritualidade que precisa ofertar resposta para estes. São os que cansaram da resignação e do conformismo com os rumos que este mundo parece ter tomado. Mundo esse que apresenta, às vezes, questões religiosas bem complexas que denotam um fundamentalismo religioso exacerbado que, perdido em seu rumo, parece não perceber que o “Espírito” não está mais presente neles. Casos onde se preocupam mais com o rito do que com a essência, mais com o Sábado do que com o homem, mais com o tipo de água do batismo do que o porquê daquilo.

Nessa abordagem humanizada, a pesquisa, aqui apresentada, apontou para a necessidade de mais espiritualidade genuinamente cristã. Aquela que se preocupa efetivamente em refletir, como observado em Castillo, sobre o Deus da alegria, diferentemente de teologias e liturgias que parecem se preocupar tão somente com a alegria da outra vida, como se a daqui não interessasse mais.

Diante da evidente necessidade de “mais Jesus” e menos religião, no sentido de mais presença dessa encarnação, dessa espiritualidade cristã, dessa humanização de Deus fortemente pregada por Castillo, do que da alvenaria de prédios frios, sem generalizações. Pois, não cabe mais espaço para os que defendem com verdadeira paixão, e até com mentiras, temas sem nenhuma importância particular, ao mesmo tempo em que no mundo morrem de fome todos os dias milhares de pessoas. Saber disso, tomar consciência disso e tirar as devidas consequências são temas que também atingem a espiritualidade cristã aqui defendida e a ela correspondem, porque são sinais de pessoas que vivem cristãmente com todas as consequências que isso implica¹³³.

É dessa chave interpretativa que se observa a espiritualidade cristã como necessariamente práxis. Prática essa que reflete numa singular espiritualidade do cuidado e da hospitalidade, como na acolhida completa do ser, defendida, vivida e pregada pelo Papa Francisco.

Quando na verdade, acolhe-se aquele que mais precisa, seja o “bom samaritano”, seja “o coxo da porta formosa”, seja o enlutado pela Covid-19, o Evangelho está sendo vivido; pois, enquanto percebido como missão, deverá obrigatoriamente se preocupar com os mais necessitados, com os que estão à margem e assim quase invisíveis.

¹³³ CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos, p. 182-183.

Com o Papa Francisco, conclui-se que a indiferença precisa ser vencida e só efetivamente se possibilita isso com uma linguagem que busque a construção de um caminho de pontes e não de muros. O abraçar da causa da hospitalidade, numa atitude de cuidado prático que envolva acolhimento, proteção, promoção e integração, é marca registrada como um genuíno selo de autenticidade do lugar de fala do Papa.

É exatamente desse olhar sincero que fala a espiritualidade cristã dialogal. Está nessa chamada abertura universal comportamental da mensagem. Como Jesus que teve trato com homens e mulheres de todas as classes, sem discriminação alguma, mesmo com os que eram malvistos pela sociedade. Demonstrou mesmo maior predileção pelos marginalizados, pelos pobres, pelos pecadores. E que no fundo agia assim na fidelidade à sua experiência de Deus.

A experiência religiosa dialogal e prática será tanto a base por trás de todo esse engajamento, como também o resultado daquele que buscar, como cristão, ter a identidade dessa espiritualidade do Cristo: uma verdadeira prática de olhar atento para os que sempre estiveram aquém do olhar de muitos; pois a percepção obtida é que o anúncio dessa espiritualidade traz um Deus que deseja dialogar com todos.

Nesse quesito da percepção do cristão como aquele que se coloca como genuíno discípulo de Jesus aprendemos que uma espiritualidade que se apresenta assim cristã, não pode estar atrelada tão somente a um corolário de doutrinas sistemáticas estáticas. Isso porque da mesma forma que Jesus centralizou suas ações e suas palavras em torno do amor ao próximo, relativizando assim ritos e atos de culto como critérios salvíficos decisivos, estamos certos de que,

para o cristão, o mergulho em sua profunda intimidade é o caminho no discipulado de Jesus. No Evangelho, encontramos a causa de Deus se confundindo com a causa da vida, a tal ponto que a pregação de Jesus e seu comportamento nos dizem o seguinte: nos seres humanos encontramos a Deus na medida, e somente na medida, em que defendemos a vida, respeitamos a vida e dignificamos a vida. [...] O Evangelho não oferta uma experiência centrada no sujeito, em sua própria perfeição, em sua santificação pessoal, na aquisição de determinadas virtudes; mas sim uma experiência centrada nos outros, orientada para os demais, com a intenção de aliviar o sofrimento alheio, ou mais exatamente, trata-se de uma experiência centrada na defesa da vida, o respeito à

vida e a luta por dignidade da vida. Por fim, consiste exatamente em que se confunda a causa de Deus com a causa da vida humana¹³⁴.

Ademais, identifica-se que certa resistência para esse diálogo cristão surge em geral atrelada a um medo do ecumenismo, como se esse fosse um inibidor da identidade religiosa ou um anulador da fé do que crê. Assim, o confronto do Evangelho que deveria ser contra o pecado, o mal, a desordem e o desleixo sobre toda criação, direciona ódio contra o pensar diferente e contra genuínos caminhos de aproximação e de paz. Enquanto os seres humanos estiverem arraigados a nomenclaturas, serão como os que acusavam Jesus de ser comilão e bebedor, assim como faziam com João Batista o acusando de estar endemoninhado (Mt 11,18-19).

Por fim, não se pode deixar de mencionar que o mundo se deparou com uma pandemia jamais vista nestas últimas gerações. Por conseguinte, a grave crise mundial da Covid-19 ofertou também a oportunidade de exercer, na prática, o caminho defendido por essa pesquisa aqui exposta: a da espiritualidade cristã como prática desse cuidado que dialoga com todas as necessidades de todos, que busca matar a fome e a sede, não apenas espiritual, mas integralmente deste ser humano cada vez mais carente de respostas coerentes, que lhe apontem o caminho, principalmente em tempos de tamanho horror.

Num mundo reconfigurado em seus significados e rumos, a espiritualidade cristã vista como esse caminho dialogal e prático precisa caminhar junto com todas essas alterações, muitas delas forçadas, nessa Casa Comum. Não se trata de se moldar com os ventos de doutrina, mas sim de “adaptar” seu discurso à pertinência que o momento exige e assim cumprir sua tarefa de acolher, amar por meio do cuidado e promover a unidade entre todos os seres, que por mais diferentes que sejam, carecem dos mesmos vazios.

Conclui-se que, tão somente com olhos abertos ao próximo, numa fé prática que permita enxergar além das simples causalidades, será possível viver o cuidado de Deus. Haverá esperança enquanto existir a chance do diálogo em prol da única paz que excede todo entendimento (Fl 4,7).

¹³⁴ RONSI, F. Q.; BINGEMER, M. C. L. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 15.

Referências bibliográficas

ANTUNES, A.; FROMER, M.; BRITTO, S. **Comida**. Letra e música. Álbum “*Jesus não tem dentes no país dos banguelas*”. Rio de Janeiro, 1987.

AQUINO, F. **A moral católica e os dez mandamentos**. Lorena: Cleófas, 2010.

ARTERBURN, S; FELTON, J. **Mais Jesus menos religião**. São Paulo: Mundo cristão, 2002.

BALTHASAR, H. U. V. **El Evangelio como critério y norma de toda espiritualidade em la iglesias**, Concilium 9. 1965.

BARTH, K. **Introdução à teologia evangélica**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

BAUMAN, Z. **Postmodernity and its discontents**. New York: New York University Press, 1997.

BEENKENKAMP, W. **De sacra coena adversus Lanfrancum**, 37, ed. Den Haag, 1941.

BENTO XVI, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini** do Santo Padre Bento XVI ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Roma, 2010. Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html#_ftnref155. Acesso em 19 out. 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, M. C. L. **Mais espiritualidade e menos religião**: característica da nossa época? Revista brasileira de filosofia da religião. Dossiê Espiritualidade no Mundo Moderno. v. 3 n.1 /pp 75-91. Brasília, agosto 2016, p.89.

BINGEMER, M. C. L. **Secularização**: novos desafios. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

BINGEMER, M. C. L. **Seis pistas pastorais para evangelização na pós-pandemia**. 08/12/2020. Disponível em <https://pascombrasil.org.br/maria-clara-bingemer-aponta-6-pistas-pastorais-para-a-evangelizacao-no-pos-pandemia/>. Acesso em 8 fev. 2021.

BINGEMER, M. C. L.; PINHEIRO, M. R. **Narrativas místicas**: antologia de textos místicos da história do cristianismo. São Paulo, Paulus, 2016.

BRIGHENTI, A. **A pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRUNNER, E. **O escândalo do cristianismo**. São Paulo: Novo Século, 2004.

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

BUSINARI, M. **Triste regresso**. Famílias da Baixada Santista perdem renda na pandemia e voltam a morar em favelas anos após conseguir sair. UOL Economia. Santos, 28/05/2020. Disponível em <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/crise-pandemia-favelas-baixada-santista/>. Acesso em 29 mai. 2021.

CASTILLO, J. M. **A boa nova de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2016.

CASTILLO, J. M. **A humanidade de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CASTILLO, J. M. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2018.

CASTILLO, J. M. **Jesus a humanização de Deus**: Um ensaio de cristologia. Petrópolis: Vozes, 2014.

CASTILLO, J. M. **La fe en tiempos de crisis**. Barcelona: Claret, 2014.

CASTILLO, J. M. **Ou é do povo, de todos igualmente, ou a Igreja não nos leva a Deus**. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590552-ou-e-do-povo-de-todos-igualmente-ou-a-igreja-nao-nos-leva-a-deus-artigo-de-jose-maria-castillo>. Acesso em 9 mai. 2021.

CASTIÑEIRA, A. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CERASO, G., JAGURABA, M. **O Papa no Dia do Migrante e Refugiado: Forçados como Jesus Cristo a fugir**. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/tema-mensagem-papa-francisco-migrante-refugiado.html>. Acesso em 15 fev. 2021.

COMTE-SPONVILLE, A. **O espírito do ateísmo**: Introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CUNHA, M. **Nem obra de Satanás nem castigo de Deus**: a pandemia é oportunidade - Que utilizemos o coronavírus como reflexão sobre os danos que nós, como humanos, estamos causando à Terra. Diálogos da fé. 18/03/2020. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/nem-obra-de-satanas-nem-castigo-de-deus-a-pandemia-e-oportunidade/>. Acesso em 28 mai. 2021.

DA SILVA, J. M. **Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andrés Torres Queiruga**. Revista de Estudos da Religião - REVER. Ano 2 n 6 2006. São Paulo: PUC-São Paulo, 2006. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/t_silva.htm. Acesso em 15 mai. 2021.

DE CASTRO, V. J. **Uma espiritualidade para o nosso tempo à luz do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2014.

DE CLERCQ, C. **De vita canônica**, 11 ed. CCM: Paris, 1966.

DE OLIVEIRA, P. T. R. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Resenha sobre HERVIEU-LÉGER, Danièle. Petrópolis: VOZES, 2008. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/25365>.

Revista Nures, Publicação eletrônica do Núcleo de Estudos Religião e Sociedade. Ano X, Número 27, Maio-Agosto de 2014. São Paulo: PUC-SP. Acesso em 29 mai. 2021.

DELUMEAU, J. **Le Christianisme va-t-il mourir?** Paris: Hachette, 1977.

EASTMAN, A. J. **A Handful of pearls**. The epistle of James. Filadelfia, 1978. Citado em ALEGRE, Xavier e Tuñí, Josep-Oriol. Escritos joaninos e cartas católicas. São Paulo: Ave Maria, 2007.

ESTRADA, J. A. **La espiritualidad de los laicos**, Crisandad: Madri, 1992.

FAUS, J. I. G. **Después de Dios**, Espanha: Sal Terrae, 2019.

FRANCISCO, Papa. **A vida após a pandemia**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta apostólica Misericordia et misera** do Santo Padre Francisco. No termo do jubileu extraordinário da misericórdia. Roma, 2016. Disponível em <http://www.im.va/content/gdm/pt/giubileo/letteraapostolica.html>. Acesso em 14 fev. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Fratelli Tutti** do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. Assis, 2020. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em 19 dez. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato si'** do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da Casa Comum. Roma, 2015. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em 14 mar. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Declaração conjunta do Papa Francisco e o grande Imam de Al-Azhar** Ahmed Al-Tayyib. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/586536-abu-dhabi-declaracao-conjunta-do-papa-francisco-e-o-grande-imam-de-al-azhar>. Acesso em 12 jan. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Discurso proferido na audiência geral da Semana de Oração** pela unidade dos cristãos. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/papa-audiencia-geral-hospitalidade-ecumenica-ouvir-outros.html>. Acesso em 17 jul. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 04 abr. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Santa missa na conclusão da XV Assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos**. Homilia do Papa Francisco. Vaticano, 2018. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181028_omelia-chiusura-sinodo.html. Acesso em 02 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Marrocos**. Encontro com os migrantes. Discurso do Santo Padre. Março, 2019. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190330_migranti-marocco.html. Acesso em 14 set. 2020.

FREI BETO citado em BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Revista brasileira de filosofia da religião**. / BRASÍLIA / V. 3 N.1 /P. 75-91 /AGO. 2016, p 76.

GAMA, V. A. **As religiões e seus paradigmas na Modernidade**. Um resumo sobre BERGER, Peter. Os múltiplos Altares da Modernidade. Rumo a um paradigma da Religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017. Revista Discente Planície Científica, Campos dos Goytacazes – RJ, v. 1, n. 1, jan./jul. UFF, 2019. Disponível em <https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/28952>. Acesso em 19 fev. 2021.

GEBARA, I. **Religião e a Pandemia Covid-19**. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso em 9 abr. 2021.

GUIMARÃES, E. N. M. B. **Perspectivas cristãs para o diálogo inter-religioso atual**. Revista Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 80-96, dez. 2006 p. 81. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/480>. Acesso em 14 fev. 2021.

GUTIÉRREZ, G. **Teología de la liberación**. Sígueme: Salamanca, 1990.

KASPER, W.; AUGUSTIN, G. (Ed.). **Dios en la pandemia**. Espanha: Sal Terrae, 2020.

KNA. **La scomparsa di Johann Baptist Metz.** Disponível em <http://www.settimananews.it/profili/la-scomparsa-johann-baptist-metz/>. Acesso em 13 fev. 2021.

LABANDE, E. R. **De vita sua**, AB: Paris, 1981.

LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento.** ed. revisada. São Paulo: Hagnos, 2017.

LIBANIO, J. B. **Olhando para o futuro:** Perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina. São Paulo: Loyola, 2003.

MADUREIRA, D. Cientistas investigam como espiritualidade pode ajudar a saúde do corpo. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56655826>. Acesso em 08 jun. 2021.

MAZZAROLO, I. **A Bíblia em suas mãos.** Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2011.

MENDONÇA, A. G. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1990.

METZ, J. B. **Mística de olhos abertos.** São Paulo: Paulus, 2014.

MIRANDA, M. F. **A salvação de Jesus Cristo.** A doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004.

NOLAN, A. **Jesus antes do Cristianismo.** São Paulo: Paulus, 2003.

ONU NEWS. **ONU revela que mais de 80 milhões de pessoas foram deslocadas à força em 2020.** Dados disponíveis em <https://news.un.org/pt/story/2020/12/1735542>. Acesso em 09 dez. 2020

PAGOLA, J. A. **Jesus:** aproximação histórica. Vozes: Petrópolis, 2010.

PASSOS, J. D. (Org.). **A pandemia do coronavírus:** onde estivemos? Para onde vamos? São Paulo: Paulinas, 2020.

QUEIRUGA, A. T. **O diálogo das religiões.** São Paulo: Paulus, 2014.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré.** São Paulo: Planeta, 2007.

RIBEIRO, C. O. **Alteridade, espiritualidade e pandemia.** Caminhos de diálogo. Revista Brasileira de diálogo Ecumênico e inter-religioso. Curitiba, ano 8 n 13 p. 231-248, jul./dez. 2020. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/view/27475>. Acesso em 14 abr. 2021.

RONSI, F. Q.; BINGEMER, M. C. L. **A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar**. Para uma maturidade cristã e uma mística inter-religiosa. Rio de Janeiro, 2014. 343p. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RUBIO, G. **O encontro com Jesus Cristo vivo**: Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2007.

RUSS, J. **Pensamento ético contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 1999.

SOLIGNAC, A. **Spiritualité**. Epist. VII, 9 PL 30, 118 C. in Dictionnaire de spiritualité, Beauchesne, Paris, XIV, p. 1143. (Castillo, 2002).

TAVARES, C. Q. **Dimensões do cuidado na perspectiva da espiritualidade durante a pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19)**. J Health NPEPS. 2020; 5(1):1-4.

TOZER, A.W. **O conhecimento do Santo**. São Paulo: Impacto publicações, 2018.

VOUGA, François. **A carta de Tiago**. São Paulo: Loyola, 1996.

WEGER, K. **Karl Rahner**: uma introdução ao pensamento teológico. São Paulo: Loyola, 1981.

WIERSBE, W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. v. 1. 2ª ed. São Paulo: Geográfica Editora, 2006.